

le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Paula Brito

POESIAS

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA—PAULA BRITO

66 PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO 66

—
MDCCLXIII

1

18-67-52-47-39-22-

146-147-145-163

132 Barchard Goucalves.

912 quadrinche de Pedro I



Francisco de Paula Brito

POESIAS DE PAULA BRITO

POESIAS

DE

FRANCISCO DE PAULA BRITO

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA — PAULA BRITO

66 Praça da Constituição 66

1863

Encarregando-nos de colleccionar as poesias de Paula Brito, reconhecemos logo as difficuldades do nosso trabalho. Dispersas em diversos periodicos, publicadas em differentes épocas, muitas dessas poesias tinham sido feitas de momento, muitas occultavam o nome do autor; havia, pois, necessidade de reunil-as, de indagar as que pertenciam a Paula Brito, e escolher as que fossem dignas de apparecer em volume.

Tratando-se de erguer um tributo á memoria de um finado, que foi nosso amigo, envidámos todos os esforços.

Dividimos o livro em tres partes: á primeira denominámos o *Livrinho das moças*, porque foi esse o titulo que o autor escolheu quando quiz publicar seus versos em 1836; á segunda, *Poesias diversas*, reunindo ahi os hymnos, os cantos patrioticos e outras poesias, que não podiam vir nem na primeira, nem na terceira parte, onde estão as que o autor appellidou *Anonymas*.

Eis o que fizemos; e hoje que a posteridade começa para Francisco de Paula Brito, pedimos aos leitores que recebam este livro com amor; que seja elle uma corôa de saudades e de gloria collocada sobre um tumulo.

Dr. Moreira de Azevedo.

tal; Tasso em uma prisão; André Chenier em um cadafalso.

Mas, morto Homéro, sete cidades reclamam a gloria de ter dado nascimento ao cantor da sublime epopéa dos tempos antigos; Portugal, vendo expirar Camões, considera os Luziadas como o mais bello monumento de gloria do paiz; depois de morto Torquato Tasso, vem os louros do Capitolio ornar a fronte gelida e pallida do poeta de Jerusalem libertada!

E porque será assim? Será que a felicidade é inimiga do genio; que a vida é um combate, cuja victoria só vem depois da morte, ou que o renome é a sombra de nossa alma, que, nos seguindo sempre, só nos deixa á beira do tumulto para perpetuar no mundo o nosso nome, as nossas acções e virtudes?

Mas se a indiferença ou ingratição dos homens torna tardia a gloria dos genios, não emmurchece, não desaparece mais essa gloria; vive sempre; os seculos a perpetuam.

Os edificios se destroem, os templos se abatem, os palacios se arruinam, os monumentos desaparecem; porém o renome jamais perece: é a arca santa de Noé, que, ainda depois de tudo destruido, vaga sobre os abysmos; é um pharol eterno que os seculos não podem apagar.

Um tumulto muito recente nos despertou estas idéas; sobre a lapida que o cobre lemos um nome, seu melhor epitaphio, a inscripção mais verdadeira que se pudera ter ahi gravado: esse nome era o de—Francisco de Paula Brito.

Todos o conheceram e todos o amaram. Fui também seu amigo e, debruçado á beira do seu sepulchro, venho pagar-lhe um tributo de amor, de gratidão e de saudade.

Não são sómente flôres que se derrainam sobre os tumulos; as lagrimas também cahem sobre as lousas dos finados.

Nesta cidade, na casa n. 148 da rua do Piolho, chamada hoje da Carioca, aos 2 de Dezembro de 1809, D. Maria Joaquina da Conceição, casada com o carpinteiro Antunes Duarte, deu á luz um filho.

Poucos dias depois de nascido, foi este baptisado na igreja parochial da freguezia, recebendo o nome de Francisco de Paula.

Em 1815 retiraram-se para Suruhy os pais de Francisco de Paula. Ahi aprendeu esse menino as primeiras letras com sua irmã mais velha D. Anna Angelica das Chagas.

Sem cursar aulas, sem ter mestres, foi o joven discipulo bebendo conhecimentos, que necessitariam de muito tempo e rigor escolar a outrem, que não tivesse tanto talento e vontade de aprender. De mistura com os carinhos e affagos de sua irmã, recebeu della as primeiras lições; e amando e respeitando a sua professora, soube colher em pouco tempo alguma instrucção.

Em 1824 voltou Francisco de Paula Brito para a côrte em companhia de seu avô materno o sargento-mór Martinho Pereira de Brito.

Martinho de Brito foi um artista distincto, e o primeiro ourives de martello de seu tempo. Foram trabalhadas por elle as melhores lampadas de prata, que ornam os nossos templos.

Occupou o commando do 4.º regimento de milicianos, chamado dos pardos, sendo depois reformado em sargento-mór.

Falleceu tendo quasi 100 annos, e foi sepultado, em 4 de Julho de 1830, na catacumba n. 7 da igreja do Hospicio.

Chegando Francisco de Paula Brito á côrte, foi empregar-se em uma botica, mas ahi pouco tempo esteve, entrando logo depois para a typographia nacional, onde foi aprender a arte typographica.

E era nessa officina, nessa arte, que Paula Brito tinha de prestar relevantes serviços ao paiz; era ahi que se havia de distinguir como homem trabalhador, como artista intelligente: ahi o haviam de encontrar os litteratos, os poetas, os moços amantes das letras patrias...

Da typographia nacional passou Paula Brito para a de R. Ogier e desta para a de Seignot Plancher, o fundador do *Jornal do Commercio*, que começou a ser impresso na typographia existente na casa n. 203 da rua do Ouvidor.

Era Paula Brito compositor do *Jornal do Commercio* quando se deu um facto bastante notavel.

Tendo-se publicado um artigo, que desagradava a alguns leitores, dirigiram-se estes á typographia do *Jor-*

nal e imprudentemente praticaram excessos, lançando ao rosto do proprietario alguns numeros da folha, e injuriando-o e o ameaçando, de modo que elle vio-se obrigado a evadir-se.

No meio desse conflicto, dessa scena turbulenta, um compositor conservou toda a serenidade e sangue frio; apresentou-se diante dos imprudentes, e tal foi a sua moderação, que a desordem se acalmou, e os invasores deixaram a casa arrependidos ou envergonhados talvez do excesso que tinham praticado.

Esse moço, esse compositor tão prudente, que soube abafar uma scenã de tumulto, esse artista que soube fazer respeitar a casa de seu mestre, de seu patrão, foi Francisco de Paula Brito.

Acção tão nobre e generosa grangeou-lhe a estima e consideração do proprietario do estabelecimento, que, desejando patentear a sua gratidão, o nomeou director das prensas.

Dirigindo-se Paula Brito em 1830 a Itaborahy, casou-se nessa villa com D. Rufina Rodrigues da Costa.

Não foi um casamento de interesse: elle era então bem moço e dotado, como sempre se mostrou, de sentimentos nobres e se nunca soube escravisar-se ao calculo dos algarismos, não seria certamente na primavera da vida que iria vender alma e coração a troco de algumas moedas

Em 1831 comprou com sacrificio a loja de encadernação e livros de seu primo o Snr. Silvino José de Almeida Brito.

Este estabelecimento era na praça da Constituição n. 21.

Addicionando á loja de encadernação uma pequena typographia, começou a sua vida de typographo-editor.

E quanto não trabalhou então Paula Brito; que esforço, que energia de vontade, que perseverança constante não manifestou nesses primeiros annos de sua vida de artista!

Nós, que o conhecemos velho, mas cheio de vontade, de intelligencia; que o viamos sempre nas suas officinas, sem descanso, em contínuo movimento, com o rosto banhado pelo suor do trabalho, avaliámos bem o que seria Paula Brito na força da idade, aos 21 annos!

Foi sempre um homem incansavel, um artista sem fadiga; parecia que o trabalho para elle não se acabava, que para as suas forças não havia lethargo, que a sua intelligencia não dormia!

E em 1831, nessa quadra de exaltação, nessa época de luta, Paula Brito, á testa de uma typographia, prestou relevantes serviços aos amigos e á patria; de seus prelos sabiam os periodicos que deviam accalmar a colera das turbas; eram de sua officina que partiam as idéas de ordem e moderação. Ahi não se guerreava a patria, não se insultava os inimigos; lutava-se e lutava-se muito, mas para alcançar a felicidade do paiz, assegurar a tranquillidade publica, respeitando-se os adversarios e combatendo-se com energia, mas tambem com honra.

Elle, o typographo-editor, dedicado ao trabalho, á patria e aos amigos, não descansava nunca. Emquanto arriscava a vida, publicando um jornal nesses dias de luta e de anarchia, procurava estudar, aprender consigo, para poder também lutar na imprensa com os seus adversarios: as bagas de suor, que banhavam o rosto do artista, vinham cabir nas paginas do livro do homem estudioso. E por si se fez escriptor e chegou a ser poeta...

Mais tarde o talentoso patriota Evaristo Ferreira da Veiga penetrava no interior de uma officina, e entusiasmado abraçava um moço, que fizera um bello hymno á liberdade. Era Paula Brito o moço intelligente, o joven patriota, que recebia essa prova de consideração de um dos homens mais distinctos desses tempos.

Paula Brito, que não recebera instrucção, que não conhecera mestres, conseguiu pelo seu trabalho, pela sua vontade, pela sua intelligencia, alcançar lugar notavel, não só entre os artistas, senão entre os politicos de sua época. Aquelle, que começara como simples operario, chegou a ser artista habil, patriota distincto, jornalista intelligente.

Entregou-se ao estudo da lingua patria, começou a cultivar o francez, e adquirio com muito trabalho, sim, mas com muita gloria, um nome notavel nas artes e nas letras.

E' necessario ter muita intelligencia e vontade para conseguir tanto! Mas é preciso que não nos esqueça-

mos que era este o adagio favorito de Paula Brito: *querer é poder*.

Nessa quadra de insurreição, porque passou o paiz, nessa época sem ordem, sem medida e sem governo, apesar de seu talento, de sua moderação e de sua coragem, vio-se vencido: os homens mais audazes tinham triumphado; os mais prudentes e moderados foram vencidos. Então foi obrigado a retirar-se temporariamente; o denodado campeão deixou o campo da luta.

Não admira isso em tempos de revolução. Inflexíveis e exaltados mostram-se os inimigos; e se os vencidos não se retiram, não ha com elles misericórdia.

A revolução de 1789, que abalou a França, deu exemplos terriveis dessas lutas intestinas. Então os melhores apóstolos da liberdade, os mais corajosos defensores da humanidade e da moderação subiram ao cada-falso; Danton foi suppliciado.

Curta foi a ausencia do patriota.

Entrando de novo em luta, soube combater os vencedores e defender os opprimidos; mas nunca abusou da victoria alcançada pelos seus esforços: respeitava os adversarios, como estimava os amigos.

Corajoso, ao ponto de arrostrar a colera das turbas, e dedicado sem limite ao seu partido, consentia que sahisses de seus prelos muitos jornaes politicos, e transformava em club as salas de sua officina. Ahi, amigos e contrarios, discutiam com vehemencia, porém

com dignidade: era uma luta, luta extrema; mas guerreavam-se as idéas e não os homens; conheciam-se os adversarios pelos principios que sustentavam. Finda a discussão, renascia a harmonia social, e vencedores e vencidos não se envergonhavam uns dos outros.

E era o dono da casa quem dava maior exemplo de benevolencia depois de calorosos debates. Emquanto discutia, mostrava ardor na expressão, vehemencia no gesto, enthusiasmo nas idéas; mas, serenada a palestra politica, era já outro homem: affavel com todos, tinha uma palavra doce para dirigir a cada um, um agrado para repartir com todos, julgando seus amigos aquelles que estavam em sua casa.

E não devia ser estimado um homem assim, não deviam respeitá-lo?

Então já eram taes as relações de Paula Brito, tal a sua influencia politica, que, não permittindo as autoridades discussões francas sobre o governo do paiz, não ousavam chegar ás officinas do artista e prohibir o club politico, que ahi se reunia.

Se, pelo seu character franco, affavel e nobre, grangeára muitos amigos, conseguira pela dignidade e pureza de suas idéas influencia politica. Os jornaes que imprimia não prégravam a anarchia, não açulavam a canalha, não eram pasquins; defendiam os Andradas, principalmente o venerando conselheiro José Bonifácio de Andrada e Silva, que foi arrancado do palacio de um principe para ser encarcerado em uma ilha; advogavam a idéa

da regencia da princeza D. Januaria, e pediam e clamavam pela maioridade do Snr. D. Pedro II.

E tão vehemente, e tanta logica levavam os artigos, que appareciam nos jornaes de Paula Brito, que, sobressaltadas as autoridades, por mais de uma vez, chamaram e ameaçaram o typographo-editor, para que declarasse os nomes dos que escreviam para as suas folhas. Mas era isso inutil; o typographo não compromettia o autor, e era impossivel que Paula Brito trahisse um amigo.

« Se as publicações forem levadas a juizo, saberei cumprir o meu dever. »

Eis a resposta do artista corajoso.

Era em 1833.

A exaltação das idéas, a crise politica estavam em seu auge; lavrava a revolução intestina, que abala e sobressalta os povos, arremecendo os partidos uns contra os outros.

Discussões calorosas e agitadas de uma assembléa que discutira a reforma da constituição, e que approvára o banimento de um imperador que por si deixára um throno, tinham exacerbado tanto os partidos, por tal modo exaltaram o povo, que varios grupos, percorrendo as ruas, na noite de 2 de Dezembro daquelle anno, começaram a praticar desacatos e attentados, e dirigindo-se ao largo de S. Francisco de Paula, destruíram a illuminação collocada em frente da casa da sociedade militar.

Tres dias depois se repetiram essas scenas de desordem

e vandalismo. Os mesmos grupos penetraram na casa da sociedade militar e tudo destruíram, lançando á rua o que não puderam levar. Praticada essa acção, correram ás typographias e tudo despedaçaram; typos, periodicos, prensas, tudo ficou destruído; e até as typographias, que estavam fechadas, não escaparam a essa scena de destruição: o machado lançava por terra as portas do estabelecimento, e logo que entravam os invasores, a destruição era completa.

Quando o povo pratica taes desacatos não pára ahi; do despotismo vai ao crime, do crime á morte.

Ao som de varios instrumentos e de grande alarido, atravessaram os grupos diversas ruas, quebrando as vidraças de muitas casas, insultando os que passavam, ferindo e matando pessoas innocentes. E todos fugiam, e todos recuavam, porque era a anarchia que caminhava pela cidade.

São communs scenas tão brutaes em épocas revolucionarias.

Que horrores não presenciou a França em 1789, nessa quadra em que a guilhotina era chamada santa, em que o algoz jantava á mesa com o juiz, e em que, sendo poucos os cadafalsos, creava o governo companhias de assassinos, as companhias de Marat!

No meio da destruição das typographias só uma não foi invadida; até lá não chegou o excesso. Quizeram respeitá-la ou della se esqueceram!

Não; os invasores por um instante tiveram modera-

ção e não chegaram ás portas da typographia de Paula Brito.

No dia seguinte saham dos prelos dessa officina impressos clamando contra a injustiça e arbitrariedade do povo, censurando a audacia das facções, as exigencias e excessos de um partido vencedor.

A coragem, o desinteresse, a nobreza de character que Paula Brito manifestou nesses dias o tornaram mais amado dos seus e mais respeitado dos adversarios; reconheceu-se que esse homem tinha a coragem do dever no mais alto gráo.

Paula Brito nunca quiz occupar cargos policiaes; offereram-lhe uma subdelegacia, recusou. Foi por diversas vezes eleitor, e em quasi todas as eleições municipaes obtinha votos para vereador. Paula Brito amava os seus e a patria, porém se esquecia de si. Nunca pedía uma recompensa; queria servir ao paiz e a todos, mas não queria exigir.

E assim procedeu durante toda a sua vida politica.

Nos seus ultimos annos abandonou a luta dos partidos, e então retirou-se da politica, como aquelles legisladores da antiguidade, que se desterravam pobres da patria depois de a terem constituido.

Até aqui temos considerado Paula Brito como politico.

E como artista, como litterato, amigo, esposo, pai e como homem de virtude e caridade?

O modesto impressor chegou a ser pelo seu trabalho, perseverança e estudo, o mais importante editor do paiz; aquelle, que começára com um simples prelo

chegou a montar o nosso mais bello estabelecimento typographico.

Era um artista perito na sua arte; as impressões mais difficeis, mais ricas e com mais nitidez, que appareciam entre nós, sabiam da typographia de Paulá Brito.

Muitas obras se imprimiram ahi, muitos periodicos sabiram desses prelos.

Qualquer melhoramento, qualquer innovação que se dava na arte typographica, era logo estudado por Paulá Brito, que procurou sempre fazer florescer a imprensa no paiz.

A sua primeira typographia foi na praça da Constituição n.º 21; em 1837 transferio o seu estabelecimento para a casa n.º 66 da mesma praça e depois para o n. 64. Possuiu tambem uma typographia na rua dos Ourives n. 21, e outra em Nictheroy, no largo de S. João.

Nenhum estabelecimento no Rio de Janeiro era mais conhecido do que a typographia de Paula Brito na praça da Constituição n. 64. Esse estabelecimento se tornou popular, como o seu dono. Ahi iam todos, ou para comprar algum livro, que não havia em outra loja, ou para fazer alguma impressão rapida e importante, ou para fazer imprimir algum trabalho que não podia ser feito em outra parte por falta de meios...

Paula Brito era um artista de talento, e exercia a sua arte como um sacerdocio. Todos os impressores eram seus amigos, e o tinham a seu lado nas occasiões precisas. Os que trabalhavam nas suas officinas

o amavam como a um pai, porque elle a todos estimava, considerando-os como irmãos na arte, que tantos progressos lhe deve.

Não eram só os impressores, os typographos, que encontravam protecção e amizade em Paula Brito; todos os artistas eram seus irmãos, a todos protegia, a todos amparava. Quando qualquer artista, quer nacional, quer estrangeiro, cahia em miseria, o primeiro protector que encontrava era Paula Brito; a sua pessoa, a sua bolsa, o seu prelo, os seus periodicos, tudo offerecia ao artista desgraçado. Qualquer trabalho ou empreza artistica, se não tinha outro apoio, tinha o de Paula Brito.

Era um digno filho da arte; não mercadejava, não guerreava seus companheiros: estendia a mão áquelles que gemiam nas agonias da desgraça.

Era tão manifesta a protecção e amizade que prodigalisava a todos os artistas, que, quando qualquer artista estrangeiro apparecia no paiz, a primeira pessoa que procurava era Paula Brito. E não se arrependia, porque tambem o primeiro favor, o primeiro elogio que recebia em terra extranha, era feito pelo modesto typographo.

Pelos seus serviços o nomeára S. M. o Imperador seu criado particular e impressor de sua imperial casa.

Mas parece que o filho do povo achava pesada a farda agaloada do paço. Nunca Paula Brito quiz usar dessa graça; sobre o portico de sua officina ja-

mais se vio a corôa imperial. Entretanto elle era monarchista de coração; por muitas vezes a sua musa saudou as virtudes do nosso monarcha; mas era um homem excessivamente modesto; desprezava as galas, as honras, e morreu sem ter um habito, ou antes só levou sobre o peito uma medalha, que foi pregada por uma associação de artistas na casaca que servio de mortalha ao finadol

Comsigo aprendeu o que soube; por mestres teve os livros; quiz ser escriptor e foi, quiz ser poeta e tambem foi; por si, por seu esforço e intelligencia, conseguiu o que muitos não alcançam, ser a sua opinião respeitada pelos doutos.

Em 1836 começou a publicar um periodico em verso, intitulado *A Mulher do Simplicio ou a Fluminense exaltada*.

Esse jornal, que durou mais de oito annos, sabia indetermiadamente. No seu frontespicio lia-se o seguinte estribilho:

Fragil fez-me a natureza,
Mas com firme opinião:
E' justo que a patria escute
A voz do meu coração.

Muito apreciada foi essa publicação no seu tempo, e ainda hoje deve ser considerada como uma preciosidade, porque é o unico periodico daquella quadra que trata das modas, dos divertimentos de então, narrando em verso os acontecimentos que se davam.

Em 1849 creou a *Marmota na Corte*, cujo primeiro numero appareceu em 7 de Setembro, impresso na typographia da rua dos Ourives n. 21.

O primeiro redactor dessa folha foi o Snr. Prospero Diniz.

Em 4 de Maio de 1852 Paula Brito tomou conta da redacção da *Marmota*, que começou a denominar-se *Marmota Fluminense*; em 1857 só conservou o nome de *Marmota*, e assim existiu durante cinco annos, até 1861, até á morte de seu redactor.

Todos sabem o que foi a *Marmota*. Se não era um jornal de boa litteratura, era agradável e variado.

Os serviços que esse periodico prestou ás letras, á mocidade, todos tambem sabem; jamais em jornal algum nosso se encontraram tantos artigos de moços, de talentos nascentes. Durante doze annos de vida nunca appareceu nesse periodico uma palavra acre, uma injuria contra alguém; o que se encontra ahi em cada pagina é animação, é elogio ao verdadeiro talento.

Em 1859 publicou Paula Brito nesse seu jornal uma collecção de poesias, intituladas *Anonymas*.

Para nós é esse o melhor trabalho poetico desse escriptor, ha nessas poesias muita suavidade no verso, muita belleza na phrase: as *Anonymas* podem dar nome a um poeta.

Appareceram tambem na *Marmota* algumas fabulas de Lachambeaudie, traduzidas por Paula Brito, com muita graça e propriedade.

Todas as fabulas de Esopo foram arranjadas em quadrinhas por Paula Brito.

Esse trabalho, para uso da mocidade, patentéa o gosto litterario do autor; e põe ao alcance de todas as intelligencias as bellas fabulas daquelle que, nascendo escravo, chegou a ser um dos homens mais distinctos de Athenas.

Paula Brito compoz diversos elogios dramaticos, fez alguns dramas, como o *Triumpho dos Indigenas* e outros; foi autor de algumas scenas cômicas, como *Os Sorvetes*, *O Fidalgo fanfarrão*, *A Maxambomba* e outras; de que não nos recordamos, e publicou muitas poesias em diferentes periodicos. Traduzio alguns dramas, compoz livros de sortes para as noites de Santo Antonio e S. João, e foi autor de outras composições pequenas, porém interessantes, que correm por ahi impressas.

Creou em 1859 o *Archivo Municipal*, cujo primeiro numero sahio á luz da imprensa em 18 de Maio desse anno.

Não foi só pelo seu talento de escriptor que Paula Brito foi util ás letras patrias; tambem o foi pela animação que sabia dar aos jovens intelligentes e ao talento nascente. O joven, que mostrasse amor e gosto pelas letras, tinha um protector em Paula Brito; ao escriptor novo nunca recusava um conselho, uma esperança, um elogio. Creava gazetas, revistas, para exercitar os moços na litteratura, e mandava imprimir gratuitamente os seus dramas, romances e poesias.

Amava a mocidade de talento, fazendo por ella todos os sacrificios. Era nos seus jornaes que os jovens iam-se exercitar na litteratura, era ahi que todos começavam.

E quando o joven escriptor obtinha uma gloria, não queria que a repartisse com elle.

—Tudo deve ao seu talento e não a mim.

Eis o que dizia Paula Brito! Mas conhecia-se, que se regosijava, quando lia os elogios dirigidos ao escriptor, que crescera á sua sombra.

E não era só a mocidade talentosa que encontrava tanta protecção em Paula Brito. Os nossos melhores litteratos e poetas mais distinctos eram seus amigos. Esses tambem ouviam elogios do homem amante das letras, a esses offerencia tambem os seus prelos para ver publicadas obras, que deviam illustrar o paiz.

E Paula Brito, que tanto fez pelas letras, que era dotado de tanto talento, elle, o Mecenas da mocidade, nada conseguiu para si: viveu e morreu pobre.

Excessivamente modesto, evitava os elogios e recusava os louvores, que lhe eram merecidos. Nunca quiz imprimir uma obra, porque o autor lh'a tinha dedicado; nunca conseguiram tirar-lhe o retrato.

Era ainda vivo quando pedi-lhe apontamentos para escrever a sua biographia. « Nada mereço, doutor; lembre-se dos homens eminentes e não de mim. »

Eis o que respondeu-me o homem modesto, que fazia tanto por todos, mas que não queria que ninguem fizesse nada por elle.

Paula Brito era dedicado a seu amigo; nunca seus labios mentiram, nunca partio de si uma traição para ferir áquelle que era seu amigo. Leal e franco, sacrificava-se pela amizade: podia não ter para si, mas para dar aos amigos sempre sobrava.

E quantos não tinha elle! E entretanto nem um teve que sentir uma ingratidão, ou que repellir uma offensa, mas quasi todos tinham que agradacer um conselho, uma esperança ou um favor ao homem devotado á amizade.

Na hora da desgraça soffria com o amigo infeliz, acompanhava-o ao tugurio da miseria, ao leito da doença e ao jazigo do finado.

A morte não lhe fazia esquecer o amigo perdido. Grato á memoria do homem que estimára, procurava perpetuar-lhe no mundo o nome e as virtudes; sabia fazer favores até aos amigos finados.

Todos os annos, no anniversario da morte de monsenhor Marinho, publicava na *Marmota* um artigo patenteando a dôr e a saudade que conservava desse amigo.

Quando falleceu o brigadeiro Miguel de Frias Vasconcellos, mandou reunir em um folheto todos os artigos publicados sobre a morte desse cidadão, elevando assim á memoria do seu finado amigo um monumento litterario.

O mesmo fez quando falleceu o outro seu amigo o marechal Francisco de Paula Vasconcellos.

Lastimando a morte do bacharel Gonçalves, impro-

visou na igreja do Sacramento, na missa do 7.º dia, um soneto em memoria desse seu saudoso amigo.

O coronel Augusto José de Carvalho era seu amigo, e querendo prestar-lhe um tributo de saudade, mandou reunir em um folheto diversos artigos sobre o seu fallecimento; mil exemplares desse folheto foram distribuidos gratuitamente ao batalhão, que tivera por commandante aquelle coronel.

Em 1 de Dezembro de 1861 falleceu Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa. Era o amigo de infancia de Paula Brito.

Grande foi então o seu pezar.—Ha dôres que sufocam, exclamou elle, e por isso é que se diz que as grandes dôres são mudas!

Apezar de enfermo, quiz acompanhar o seu irmão até ao tumulo. Voltou mais doente; porém, sem se esquecer dos filhos do seu amigo, tratou logo de promover para elles uma subscrição. Mas, acabrunhado o espirito, o corpo cahio, e Paula Brito foi para o leito que o devia approximar do tumulo.

Emquanto vivo dedicou-se aos amigos e até por elles morreu...

Poucos homens têm conseguido ter tantos affeição-dos, contar tantos amigos, como Paula Brito; mas é que, além de suas bellas qualidades, sabia estimar os homens pelo seu earacter, pela sua virtude e não pela posição, pela classe a que pertenciam na sociedade; a sua mão apertava com a mesma amizade a mão do

fidalgo, do plebeu, do litterato, do negociante, do artista, do capitalista e do pobre.

Ao passar pela praça da Constituição, viam todos uma reunião de individuos, que alegres conversavam ao redor de um homem. Era em um escriptorio, e sempre estava a casa cheia, e reinava ahi alegria e prazer. Porém passai agora por esse mesmo lugar, e nada vereis: desapareceu a reunião, a alegria; fugiram os amigos e o escriptorio está fechado!

E porque?

Ahi o anjo da morte passou por ahi e matou um só desses homens, que ahi se reuniam; o raio da destruição fez ahi uma victima, e bastou isso para que todos fugissem... Pereceu Paula Brito, a arvore frondosa, seccou, e todos se retiraram, porque alli só podiam encontrar agora luto e dôr ..

Poucos mezes antes de Paula Brito adoecer, perguntou-lhe um amigo:

—Quem te substituirá no largo do Rocio, Paula?

Cheio de um orgulho nobre exclamou Paula Brito:

—Ninguem!

Foi uma prophecia.

Quem o poderá substituir?

E o que era Paula Brito como esposo e como pai?

A sua mulher e seus filhos faziam-lhe a felicidade domestica: era no regaço da familia que encontrava paz e descanso; alli repousava do trabalho quotidiano; alli ia beber novas forças para poder supportar as decepções, injustiças e ingratições que recebia, e alli se

XXVIII

occultava satisfeito dos benefícios prodigalisados aos infelizes...

Era um marido extremoso e um pai cheio de carinhos.

No dia do seu enterro, estava ainda o cadáver sobre a eça na sala mortuaria, quando vio-se uma mulher, por entre os convidados, procurando afastal-os para achar caminho até ao cadáver do seu esposo.

Era intenso o seu pranto e grande o seu pezar. Despedaçava o coração ver a dôr dessa esposa infeliz, que desejava dizer o ultimo adeus ao cadáver de seu marido...

Perdoem se recordo scenas tão intimas, tão tristes! O biographo deve ser verdadeiro, e a dôr e o pranto dessa esposa nos dizem que Paula Brito soube ser bom pai de familia.

O homem virtuoso na familia era tambem bom e caritativo na sociedade. Os orphãos, os desvalidos tinham nelle um pai; nunca recusou protecção aos desgraçados; a sua mão amparava todos, a sua bolsa não se fechava para os infelizes. Esquecia-se de si para lembrar-se dos desvalidos; bom e caridoso não sabia negar uma esmola; podia ter pouco para si, porém para os pobres nunca lhe faltava.

E Paula Brito era dotado dessa caridade christã, evangelica, feita com a mão direita sem que a esquerda o saiba; dava a esmola em segredo, enxugava a lagrima, minorava a afflicção, a magoa do infeliz, sem exigir um só louvor, um só agradecimento!

Ahi aquella alma de virtude, aquelle coração de caridade, só contava com a recompensa de Deus!

Não é necessario recordar actos de caridade de Paula Brito; a viuva, o orphão, o desvalido tinham nelle um protector.

Mais de um orphão foi educado por esse homem beneficente.

Ahi estão os filhos do Dr. Francisco Julio Xavier, que encontraram nelle um pai extremoso e dedicado; ahi estão outros, e poderíamos dizer o mesmo dos filhos de Teixeira e Sousa, em favor dos quaes ia promover uma subscripção, quando a morte o fulminou no momento em que ia escrever no livro de sua vida mais essa pagina de caridade!..

No dia do fallecimento de Teixeira e Sousa tivera Paula Brito um leve incommodo; mas, apezar disso, quiz ir ao enterro do seu amigo de infancia. Ao voltar á casa escreveu sobre a morte do seu amigo as seguintes palavras:

« Por muitos annos Teixeira e Sousa viveu e conviveu connosco, no centro de uma familia pobre, mas honesta, que se respeita e sabe fazer-se respeitar. Os tempos voaram, os annos e os mezes passaram-se como dias e horas, deixando-nos Teixeira e Sousa unicamente quando o novo estado que tomára isso exigia.

« Nunca se passou o—dia 2 de dezembro—dia de nosso triste anniversario, sem que Teixeira e Sousa estivesse ao lado desse amigo, a quem prezava como a si proprio, no centro dessa familia que elle amava como

a sua; uma vez, porém, uma unica vez, isto tinha de acontecer e aconteceu: foi hontem, porque hontem elle já não existia!.. »

Sentindo que seus incommodos se augmentavam, recolheu-se ao leito, do qual não devia se levantar mais.

A molestia progredia; fomos visital-o.

—A morte de Teixeira e Sousa, disse-nos o enfermo, causou-me bastante abalo; custei a suster o caixão do meu amigo, e esse esforço me fez mal; porém cumpri o meu dever.

A sciencia servio-se de todos os recursos para debellar a molestia, mas a medicina cançou e a morte venceu... Conhecendo Paula Brito que era chegada a hora extrema, começou a despedir-se de todos os amigos, dirigindo á cada um uma palavra de consolo, um adeus de despedida, um ai de saudade.

A um moço de talento, seu amigo, disse estas palavras:—Minha vida tem sido uma longa serie de lutas e de duras provações, mas nunca perdi crenças nem esperanças; não desanimes; crê e espera.

A um seu compadre fallou assim:

—Não tenho que lhe pedir perdão, porque entre nós nunca houve a menor desharmonia; o que sinto, porém, é não poder educar o meu afilhado, mas peço-lhe que olhe para elle.

Disse o seguinte a um outro amigo:

—Quando eu morrer dá um beijo em tua filha!

Pedio a um amigo para escrever um memorial ao Imperador e algumas cartas que lhe foi ditando.

Com a maior placidez, mostrando a mais decidida resignação, ditou esses escriptos, declarando todos os pontos e virgulas necessárias!

Ao Imperador pedia protecção para a sua familia, e o mesmo implorava nas cartas dirigidas a amigos seus collocados em altas posições.

Entregou o memorial, escripto ao Snr. D. Pedro II, a um seu amigo para leval-o no dia seguinte a S. Christovão, pedindo-lhe que o entregasse antes que tivesse lugar o seu enterro.

Moribundo, já bem perto do tumulo, ainda procurava fazer bem a sua familia! E della se despedio dirigindo a cada um parente, a cada um filho uma palavra de consolação, de esperança e de animação.

Quando lhe annunciaram a visita do padre, do monsenhor Narciso, ficou satisfeito e disse: — Mandem-o entrar, que minh'alma necessita mais dessa visita que o meu corpo.

Confessou-se com resignação e recebeu os Sacramentos com piedade.

Terminado o acto religioso, ouviram-o dizer:

— Agora é que posso dizer que tenho verdadeiros amigos, porque não se esqueceram da minha alma.

Emquanto todos se mostravam afflictos e pezarosos, conservava-se elle tranquillo e resignado. Dizia ao medico:— Para que está se caçando tanto, doutor; tenho de morrer, a hora é chegada

E nessa tranquillidade e resignação christã falleceu,

entregando a alma ao Creador ás 6 1/4 horas da tarde do dia 15 de Dezembro de 1861.

Morreu como um justo. E' que tinha sabido cumprir tão bem a sua missão na terra, que não temia a justiça do céo. Homem verdadeiramente christão, amava o proximo e a Deus, como o céo ordena.

« Não tenha um inimigo; meu coração está puro como quando nasceu. »

Eis as palavras de Paula Brito ao seu confessor.

Um moribundo que diz isso ao padre que o confessa, não tem que receiar-se da morte, porque sabe que no céo ha de colher os fructos do que cultivou na terra.

Logo que se propalou a noticia do fallecimento de Paula Brito, a consternação foi geral; homem bom e geralmente estimado, causou sua morte tristeza a todos.

O *Jornal do Commercio* annunciou a morte de Paula Brito com estas palavras:

« Falleceu hontem á tarde o Snr. Francisco de Paula Brito, um dos nossos patricios, que por sua constancia no trabalho, por seu amor ás letras patrias e por suas bellas qualidades particulares, soube grangear o maior numero de amigos e affeiçoados. »

O *Mercantil* exprimio-se assim:

« Falleceu hontem Franciscø de Paula Brito.

« E' um nome conhecido de todos e amado geralmente.

« Trabalhador infatigavel desde os primeiros annos

de existência, lutou com o destino contrario e venceu por vezes; de simples operário ergueu-se á força de vontade, de intelligência e de trabalho, á mais alta posição que o editor e o impressor podem alcançar entre nós.

« Era amigo dedicado até aos ultimos sacrificios; o pão que ganhava com o suor constante repartia com o orphão que agasalhava.

« Quem hoje acolherá os que elle deixa na pobreza?

« Não ha quasi um unico homem de letras em nosso paiz que não lamente hoje a morte de Paula Brito. »

A's 5 horas da tarde do dia 16 teve lugar o enterro.

A casa do finado, na praça da Acclamação n. 25, encheu-se de convidados.

Artistas, operarios, litteratos, ministros de estado, senadores, deputados, medicos, negociantes, advogados, militares, todas as classes da sociedade, enfim, compareceram ao funeral de Paula Brito.

Era uma multidão de amigos, de affeioados, que vinham prestar a ultima homenagem ao cadaver do cidadão util e prestimoso.

Era geral o sentimento, todos os convidados estavam tristes, muitos suffocavam o pranto, o soluço; muitos choravam.

Nessa multidão vestida de preto, que enchia a casa do finado, uão havia um só individuo que alli estivesse

por adulação: alli o sentimento era espontaneo, verdadeiro; a dôr era do coração.

A familia do morto mergulhava-se na magoa e no pranto. E os amigos, e os moços que elle protegera, os orphãos que educára, os desvalidos acostumados a consideral-o como a unica esperanza, seu arrimo e consolo!

Todos esses tambem choravam.

Ao sahir da casa foi o caixão carregado pelos Snrs. conselheiros Euzebio de Queiroz, Paranhos, Dr. Saldanha Marinho, deputado á assembléa geral, Dr. Severiano Martins, Diogo Hartley e tenente João José da Silva.

O préstito fúnebre se compunha de mais de duzentos carros.

E não era um príncipe, um potentado, fidalgo ou capitalista, que ia sepultar-se: era um editor, um modesto typographo.

Nunca, entre nós, se vio um préstito tão numeroso para acompanhar ao cemiterio o cadaver de um artista! Mas é que Paula Brito fôra o typo do homem bom, temente a Deus, prestante á patria e util ao proximo.

No cemiterio de S. Francisco Xavier pegaram no caixão os Snrs. conselheiros Euzebio de Queiroz, Paranhos e Joaquim José Ignacio, e os Snrs. Drs. Saldanha Marinho, Paulino José Soares de Sousa e Severiano Martins.

O cadaver de Paula Brito foi sepultado na carneira n. 429.

Ha 14 dias viera sepultar-se tambem neste cemite-
rio o amigo intimo de Paula Brito, Antonio Gonçalves
Teixeira e Sousa.

A' beira do tumulo de Paula Brito disseram alguns
amigos palavras cheias de sentimento e verdade!

O caixão cahio no seu jazigo, e então o céu abafado
de nuvens negras começou a mandar á terra algumas
gottas de chuva. Seriam as lagrimas da patria, que vi-
nham regar a sepultura do homem modesto e virtuoso?

A missa do 7.º dia com *libera me* e musica foi ce-
lebrada na igreja do Sacramento.

Grande multidão enchia o templo.

Concluido o officio religioso, e logo que cessaram as
orações e os canticos tristes do côro, diversos amigos
reunidos junto ao catafalco, que se elevava no corpo
da igreja, pronunciaram palavras sentidas, lembrando as
virtudes civicas de Paula Brito.

As sociedades União e Beneficencia, a Auxiliadora
das Artes Mecanicas, Liberaes e Beneficente, a Palestra
Fluminense e a Petalogica, e alguns amigos, mandaram
celebrar missas e *libera me* com musica pela alma de
Francisco de Paula Brito.

Esse distincto cidadão falleceu de uma lymphatite,
tendo de idade 53 annos e 13 dias.

Era de côr parda, magro, de estatura regular; não
usava de barba, e quando falleceu começavam os ca-
bellos a esbranquecer-lhe.

Era de semblante sympatico e intelligente; via-se na

sua frente o talento, liam-se no seu rosto as virtudes de sua alma.

Foi o fundador da sociedade Petalogica, socio installador da Imperial Sociedade Auxiliadora das Artes Liberaes e Mecanicas, socio da União e Beneficencia, e socio honorario da Palestrá Fluminense e da Associação Typographica.

Paula Brito morreu pobre, e entretanto trabalhou muito: era dotado de uma perseverança, de uma tenacidade admiravel; se cançava, não desanimava. Pela sua frente muito suor correu, muitas fadigas affrouxaram seus membros, muitas decepções abateram-lhe a alma, muita luta soffreu; foi martyr, mas nunca succumbio. O peregrino do infortunio lutou, mas não desfalleceu no marco da estrada. Caminhou sempre no meio de desenganos, de provações e de sacrificios; os pés do romeiro, feridos com os espinhos do infortunio, sangraram, mas o martyr venceu, porque Deus era seu guia.

Homem trabalhador, intelligente, modesto e dotado de muita vontade e coragem, podia ter sido mais feliz em sua terra, como elle proprio o disse na ultima hora escrevendo ao Imperador. Mas o homem bom, o homem de coração calcula? E Paula Brito era assim.

Depois de ter sido util a todos, quando podia fazer alguma cousa por si, quando um capitalista generoso lhe estendia a mão, a morte o apartou dos vivos. Seria fatalidade; não devia aquelle homem ser feliz no mundo: só na morte é que havia de achar descanso, ou

era só para o tumulto que lhe estava guardada a palma do martyrio?

Coitado!.. morreu; mas se a sua vida foi um exemplo de virtudes, sua morte foi uma lição de piedade.

Morreu, mas deixou na terra um nome honroso que a patria ha de immortalisar.

Morreu Paula Brito para os amigos, para os pobres, para os desvalidos, mas começou a viver a vida do céo, eterna, a vida de Deus.

Morreu Francisco de Paula Brito; a patria o chora, mas os anjos repetem o seu nome em canticos de celeste harmonia, e um amigo, debruçado sobre seu tumulo, dirige-lhe uma oração, um adeus, uma saudade...

DR. MOREIRA DE AZEVEDO.

I

O LIVRINHO DAS MOÇAS

I.

Soneto.

O puro amor nascido da amizade,
Quando intenso domina o peito humano,
E' mil vezes mais forte, é mais tyranno
Do que aquelle, a quem gera a novidade;

Estudando na pratica a verdade,
Não teme os males que produz o engano;
Sem que o combata da incerteza o dafino,
Entrega-se aos impulsos da vontade!

Não é assim aquelle, cuja chama
Nasce da vista n'um feliz momento,
Pois menos dura quanto mais se inflamma!

Oh! gostosa illusão do pensamento!..
Feliz quem sofre a dôr!.. feliz quem ama,
Embora seja eterno o soffrimento!

II.

•
Soneto.

Lutas debalde, coração queixoso,
Ferido do aguilhão do pensamento;
Me diz um natural presentimento
Que não nasceste para ser ditoso!

Do bem por quem te matas desejoso,
Teu prazer é teu proprio sofrimento;
A esperança é teu unico alimento,
Esse do ser moral gozar penoso!

Havendo para amor igual medida,
Nos mostra o mundo que a paixão mais forte
Não é sempre a mais bem correspondida!..

Traz o que nasce já comsigo a sortel!..
O bem, que ás vezes faz de um peito a vida,
Causa outras vezes de outro peito a morte!

III.

E' tarde!..

↳ Lembram-te os dias felizes
Em que meu crédulo peito
Te jurou de amor o voto,
Que foi por ti logo' aceito?

Oh! quanto prazer te deu
Meu coração inflammado!
(Jamais objecto infiel
Foi mais ternamente amado!)

O tempo tornou-te falsa,
E o tempo me consolou;
Amor, que foi obra tua,
P'ra sempre de nós voou!..

Esse tempo de venturas
Deixa, pois, de recordar-me;
Vê que eterno é meu silencio;
Cessa enfim de procurar-me...

¿ Porque me foste infiel,
Se o meu amor te convinha?
Nutres em vão a esperança
Que ainda tens de ser minha.

Perdi a credulidade,
Que tão captivo me fez;
Para quem ama é bastante
Ser enganado uma vez.

O véo da illusão se rompe,
E mostra a realidade;
Mas nunca, depois de rótico,
Torna a encobrir a verdade.

Me dizes que de amor puro
Teu peito entre as chammas arde:
Me enganaste muito cedo;
Para crer-te, agora — é tarde!..

IV.

Soneto.

Não quizera as grandezas sumptuosas,
Nem da côrte o phantastico ornamento,
Muito poder e muito luzimento,
Grandes vergeis em quintas deleitasas!..

Não quizera as deidades melindrosas,
Que brilham como espelho ao sol violento,
Porque nessas qualquer merecimento
Tem o primor e a duração das rosas!..

Não quizera dos grandes o conceito,
Nem a gloria em mil cantos espalhada,
Quando elles jazem já no eterno leito!..

Quizera, sim, que a boca anacorada
De um ente a quem eu amo e a quem respeito
Me dissesse uma vez — sou tua amada!

V.

Motte.

« *Feliz quem junto a ti por ti suspira!* »

SONETO.

Eu quizera encontrar uma donzella
Que sómente por mim se apaixonasse,
Que dia e noite só em mim pensasse
Ao ver-me noite e dia a pensar nella!

Embora com primor não fosse bella,
Quizera que extremosa me affagasse;
Que de mim nunca os olhos apartasse,
Eu quizera encontrar uma donzella!

Se eu achasse uma assim; se assim houvesse
Mulher de arrebatat de um vate a lyra,
Que ditoso no mundo me fizesse;

Tudo o que póde amor, e o genio inspira,
Lhe dera, se uma vez só me dissesse:
« *Feliz quem junto a ti por ti suspira!* »

VI.

Soneto.

A MODA DOS HOMENS EM 1828.

Grossos bueres armados no cabello,
Chapéo de finas abas enroladas,
Camisas de aberturas enfeitadas,
Calças largas no fino tornozelo ;

Casacas, que de caudas são modelo,
Sapatos sem tacão, meias rajadas ;
Bengalinhas de junco encastoadas
De um cãesinho, de um'ave, ou de um camello :

De amarello metal grandes botões,
Hoje tem entre nós muito exercicio,
Em fôfos peitos, que usam toleirões.

Mil graças sejam dadas ao *Simplicio* (1),
Que, com suas frequentes mangações,
Censura as modas e combate os vícios.

(1) O *Simplicio* foi o primeiro jornal faceto que appareceu no Rio de Janeiro. Seguiu-se-lhe a—*Mulher do Simplicio*—de minha redacção.

VII.

A lyra de Amor.

A sorte do vate
Ninguém a prefira,
Se amor não lhe afina
As cordas da lyra.

Dircéo, que nascêra
Com estro tão dino,
Sem sua *Marilia*
Não fôra divino.

Garção foi nos fastos
Da historia esculpido,
Cantando os amores
E a morte de *Dido* !

A gloria de *Tasso*,
Que o mundo hoje preza,
São ternos amores
Da amante *Prinçeza*.

Da bella *Athayde*
Fataes impressões
Soltaram as cordas
Da lyra a *Camões* !

Ou seja inflammado
De amor pelas bellas,
Ou cante seus feitos,
A gloria vem dellas.

Cantar a virtude,
Cantar o valor,
E' timbre que exalta
A—Lyra de Amor.—

VIII.

A illusão.

*Mortaes, que sujeitos
Estais á paixão,
Tomai meu conselho,
Fugi da illusão !*

O avaro desejo
Mil vezes se illude,
Julgando ver manchas
No céo da virtude !

Mortaes, que sujeitos, etc.

Amor, muitas vezes,
Na alheia apparencia,
Se mostra culpado,
E é todo innocencia !

Mortaes, que sujeitos, etc.

Nas flôres se occulta
O insecto pequeno,
Que fere, e que deixa
Nas mãos o veneno !

Mortaes, que sujeitos, etc.

IX.

Ecloga.

Hontem Nicetta,
Só, passeava
Por entre o bosque,
Que fresco estava.

Logo, imprudente,
No mesmo instante,
Canta sonora,
Com voz tocante,

Canções ficticias
Com vivo ardor,
Contra o tyranno
Travesso — Amor :

Amor, travesso,
Que deve um dia
Feliz tornal-a,
Dar-lhe alegria !

Eu, que avistei-a,
Silencioso,
Chego-me á bella,
Mas cauteloso;

Páro; e sobre ella
Em chusma lanço
Todas as flôres,
Que perto alcanço.

Salve, prodigio
Da natureza !
Não te intimide
Minha surpresa.

Teu canto ouvindo,
O' minha bella !
Julguèi que fosse
Da Philomela.

Como a avezinha,
Tu cadenceias,
E ao passageiro
Terna recreias.

(Junto a um regato
Meiga assentou-se,
E duas vezes
N'agua espelhou-se);

Melhor farias
Se, pouco asinha,
Tambem amasses
Como a avesinha !

Sou muito joven
(Diz-me Nicetta),
Para que soffra
De amor a setta.

Quatorze annos
Não são bastantes :
E' pouca idade
Para os amantes.

Ah ! crê-me, ó bella
(Torno a fallar) :
Quem tem meiguices
Já póde amar.

De amor o encanto,
Seu terno agrado,
Nasçem comnosco :
São leis do —Fado :

São a partilha
Da mocidade,
Dever e força
Da tenra idade.

Sim (tornou-me ella);
Mas nesses annos
São sempre os homens
Nossos tyrannos :

Sempre encantados
Dos nossos rostos,
Volveis, todos
Mudam de gostos.

De bella e joven,
Com garbo em si,
Mais duas vezes
Meiga se ri.

O beija-flôr
Que a rosa bella
Ávista, logo
Pousa sobre ella ;

Mal goza a essencia
De seus primores,
Voa, e buscando
Vai outras flores...

E a flôr seus dardnos
Entra a sentir,
Sem da roseira
Poder sahir ;

Sem que ao amante
Possa estorvar,
Pois não tem azas
Para voar. (1)

Assim Nicetta,
Isto dizendo,
Por entre o bosque
Foi-se escondendo.

Já quando longe
Ia fugindo,
Então, mui alto,
Disse sorrindo :

*Mulher que de homem
Quizer fugir,
Não dé resposta
A quanto ouvir.*

— Santa verdade
Reluz aqui
Nos doces versos
Que fez *Parry*.—

(1) Julguei conveniente supprimir alguma cousa, porque achei o original por demais licencioso.

.X

Soneto.

Não creio na mulher que, noite e dia,
Diz que vive por mim apaixonada;
Que traz a minha mão sempre apertada,
E, brincando, faz mais do que devia;

Que de todos os homens aprecia
As obras e o valor enthusiamada;
Mas dos zelos de amor nunca tocada,
Entre as outras de mim não desconfia;

Não póde um genio assim ter persistencia;
Em quem toda a impressão faz novidade,
Em tudo a variedade é consequencia.

Gósto do amor com mais simplicidade;
A verdade que tem falsa apparencia
Faz que a apparencia venha a ser verdade.

XI.

Melancolia.

Fugio do meu rosto
A doce alegria;
Meu peito é morada
Da melancolia!

Não vivo gostoso,
Qual d'antes vivia;
Sou prêsa innocente
Da —melancolia.

Um voto tão puro,
Que o céo presidia,
Me trouxe as angustias
Da —melancolia!

Que amor era crime
Eu tal não previa,
Por isso me abysmo
Na —melancolia!

De mal tão ferino
O effeito eu temia;
Pois sei como é féra
A—melancolia!

Porém o destino,
Que disso sabia,
Dourou-me a apparencia
Da—melancolia!

Quiz dar-me um castigo
Que eu não merecia,
Enchendo a minh'alma
De—melancolia!

O Nume, que heroico
Meu estro aprecia,
Me deixa entre as garras
Da—melancolia!

Só elle o meu mal
Vedar poderia,
Curando-me a chaga
Da—melancolia!

Justiça não peço
Por tal tyrannia:
Melhor é que eu morra
De—melancolia!

XII.

Desejo.

(IMITAÇÃO DO FRANCEZ)

A engraçada Josephina,
Com sua tez bella e fina,
Seu cabello ennegrecido,
Sua graça no fallar,
E seu sympathico olhar,
O que é que ella quer?—marido.

Ignez, toda desdenhosa,
Por parecer virtuosa,
Sempre em imperio fingido,
Quando diz a todo o instante
—*Eu não quero ter amante:*
O que é que quer ter?—marido.

A Theresinha, que em casa
A familia traz em brasa,
Servida em todo o pedido,
Botando dinheiro fóra:
Porque se maldiz e chora?
O que lhe falta?—marido.

Trata-se de matrimonio?
Diz Emilia: « pois a Antonio,
Pedro, Braz, tenho escolhido;
Lindo, feio, Turco ou Gôdo,
Com qualquer eu me accomodo:
O que quero é ter — marido. »

Porque causa a Carolina
Toda se aperta e se afina,
Sempre com lindo vestido
E com gosto em tudo raro?..
Ora, leitor, está claro,
O que ella quer é — marido.

O que quer a Joanninha,
Em casa toda santinha,
Qual peccador convertido?..
Mas quando a passeio sahe
Bem vestida sempre vai...
Ora, o que quer?.. quer — marido.

Não é de balde que a Anninha
Morre por comer gallinha,
E que o doutor mais sabido
Co'a molestia não atina!
Ella não quer medicina:
O que ella quer é — marido.

O que quer a Fortunata,
Que, por ser feia, se mata
Nas contendas de Cupido,
E por bailes e concertos
Anda mettida em apertos?
Claro está que quer — marido.

Reparem na Mariquinha,
Hoje sempre enfeitadinha,
Mudando só de vestido,
Fallando em cheiros e flôres,
Sempre pensando em amores:
Para que? p'ra ter — marido.

Toda a moça, feia ou bella,
O amante deve ter n'ella
Muita cautela e sentido;
E' mui rara a que é constante:
Nunca se escolhe um amante,
Porém se escolhe um — marido.

XIII.

Não te digo.

Se eu te dissesse, donzella,
O mal que por ti padeço,
O muito que por ti faço,
O pouco que te mereço...

Se te pudesse mostrar
Aberto o meu coração,
Verias nelle os effeitos
Da mais intensa paixão !

Se te fizesse saber
O como a todo o momento
De teus encantos a imagem
Occupa o meu pensamento

Se... mas de que me servira
Este quadro apresentar-te,
Se, quando pudesses vê-lo,
Não poderia agradar-te !...

No mundo todas as cousas
Têm mais encanto e valor,
Sendo vistas pelo prisma
De um risonho céo de amor.

Se do meu penar tens pena,
E' porque boa tu és,
Porque vêr, sem dôr, não podes
Gemer um triste a teus pés.

Mas tão orgulhoso eu vivo,
Sentindo o meu coração
Preso de tuas virtudes
Ao poderoso grilhão ;

Que, mesmo não sendo amado,
Não podendo amado ser ;
De amar a Deos em seus anjos
Nunca me hei de arrepender.

XIV.

Epigrammas.

Se em tua modesta casa
Entrarem certas mantilhas,
Põe tua mulher em guarda,
Em guarda põe tuas filhas.

Dizem que a mulher é falsa
E tem falso coração ;
Resta saber se por base
Tem este dito a razão.

Se os homens fossem fieis
Uns aos outros, não teria
Falsa mulher, se quizesse,
Um falso amante por dia.

Em chamar *falsa* a mulher
Os homens todos implicam :
Se ha dessas moedas *falsas*,
São elles que as *falsificam*.

XV.

O meu Nume.

Agora, Jove Supremo,
Vedar-me podes teu lume;
Para inflammar o meu estro
Tenho na terra outro Nume.

Oh Musas! negai-me embora
Quanto ao meu verso convem;
Tudo o que dar-me podieis
Melhor o meu Nume tem.

Se o mais completo retrato
Ditoso eu quizer traçar;
Honra, valor, graças, mimos,
Vou no meu Nume encontrar.

Este Nume, que me encanta,
Soberana Divindade,
Tem por timbre a gratidão.
Tem por divisa a verdade.

Se longos, negros cabellos,
Quizer pintar de uma bella,
Eu vou tirar uma copia
Dos negros cabellos della.

Vivos olhos, rosto alegre,
Alva côr, sempre rosada,
E, para animar seu riso,
Composta boca engraçada;

Tudo ella tem tão perfeito,
Que, quem perfeições conhece,
Vê que o primor da belleza
N'um só composto apparece!

No peito, onde tem o imperio
Do seu supremo valor,
Se elevam com magestade
Os dous ministros de amor!

Assim aos olhos que o notam,
Mostra-se ufano e gentil
Peito onde bate tranquillo
Um coração senhoril.

A perfeição do seu todo
Toda a sua compostura,
Dão nova graça ao primor
Da mais delgada cintura.

Emfim, meu Nume é thesouro
De tudo quanto ha perfeito;
Mas nenhum voto lhe faço,
Porque m'õ embarga o respeito.

Fique, pois, no mundo a copia
De um Nume tão poderoso,
Nume que faz as delicias
De um pensamento amoroso!

XVI.

Passatempo.

Verdades, Marilia,
Em que deves crer,
Ea vou te dizer
Tim-tim por tim-tim!..
 Feliz de quem goza!
 Coitado de mim!..

O que é este mundo
Ha muito que eu sei;
Mas nunca pensei
Que fosse elle assim!..
 Feliz de quem goza!
 Coitado de mim!..

Ditoso me chama
Quem trata comigo;
Ao mundo eu não digo
Que *não*, nem que *sim*.
 Feliz de quem goza!
 Coitado de mim!..

¿ Que ganha o que anda,
Na vida que tem,
Do seu mal ou bem
Tocando o clarim?
Feliz de quem goza!
Coitado de mim!..

Ninguém neste mundo,
Por mais poderoso,
Se conta ditoso
Como um cherubim!
Feliz de quem goza!
Coitado de mim!..

Emquanto eu exhalo
Suspiros gementes
'Stão outros contentes
No seu palanquim!
Feliz de quem goza!
Coitado de mim!..

O teu desengano
(Alguem me dizia)
Virás algum dia
A tel-o por fim!
Feliz de quem goza!
Coitado de mim!..

Meus males conheço,
Porém resignado
Estou, que o meu fado,
Marilia, é ruim!
Feliz de quem goza!
Coitado de mim!

XVII.

Petição.

Pedi a uma moça
Que não me quizesse;
Que, sendo possível,
De mim se esquecesse.

Me disse com a graça
De sua expressão:
« Deixar-te, não posso;
Te amar, também não.

« Sou grata, e não devo
De ti me olvidar;
Se te amo—não sei,
Não posso afirmar. »

Agora me digam
O que heide fazer:
Se devo inda amal-a,
Se a devo esquecer!..

Se altivo a desprezo,
De ingrato me chama;
Se amante a procuro,
Cruel, me não ama.

Em taes embaraços,
Eu peço ao leitor
Que dê-me um conselho,
Seja elle qual fôr.

XVIII.

A Sempre-Viva.

IMPROVISO ESCRITO AO RECEBER O AUTOR ESTA
ENGRAÇADA FLORZINHA.

Oh tu, SEMPRE-VIVA,
Mimosa florzinha,
Que foste um presente
De D. Chiquinha ;
 Estás tão galante,
 Tão viva e tão bella,
 Que vou teus primores
 Pintar com os della.

Se bem comparados
Aqui ficarão ;
Sendo isto improviso,
Meus versos dirão.
 Em ti meditando,
 E olhando p'ra ti,
 Foi della, me lembro,
 Que te recebi.

Não és seu retrato
Nos traços, na côr ;
Em D. Chiquinha
Tudo isso é melhor !

Não és seu retrato
Tambem na aspereza:
Tem D. Chiquinha
Mais grata a belleza.

Não és seu retrato
No que em ti varía,
Que és uma de noite
E és outra de dia.

E D. Chiquinha,
Mudavel assim,
De dia e de noite,
Não é, quanto a mim.

Mas se ella, de noite,
Qual tu se reserva,
Virtudes e dotes
Assim mais conserva.

De noite é temivel
O audaz roubador :
Por isso te occultas,
O' candida flôr !

Insanos desejos
De tudo fruir,
Nos homens se exaltam
Da noite ao cahir.

De dia, porém,
Do sol ao brilhar
Te mostras, qual és,
Contente a brincar !

E D. Chiquinha
Te toma por guia :
De noite se occulta,
Se mostra de dia.

Tu tens de reserva
As pet'las agudas ;
Teu seio a guardar
Com ellas ajudas.

Teu seio, que é todo
Macio e mimoso,
De encantos formado
Por dom precioso !...

E's nisso uma copia
De D. Chiquinha :
A paz em seu seio
Suave se aninha.

Se acaso é sévêra
N'alguma expressão,
E' brando e sincero
Seu bom coração !

Tu, flôr, te conservas
Sem nunca murchar,
Sem graças e encantos
De ti despojar.

A D. Chiquinha
O mesmo acontece :
Aos olhos mais grata
Co' o tempo apparece.

Bem-quista de todos,
De todos prezada,
De impuro bafejo
E' flôr não manchada.

O tempo não murcha
Teu raro primor ;
Perpetua existencia
Tu tens, bella flôr !

Em D. Chiquinha
O tempo tambem
Não despe o seu rosto
Das graças que tem.

E se ella, qual tu,
Qual eu, afinal,
Soffrer o preceito
Da lei natural:

Com D. Chiquinha
Dos versos na historia,
No templo entrarás
Da eterna memoria !

Sim, minha flôr, tu serás
Da constancia a copia activa;
Viverás perpetuamente
Sempre a mesma SEMPRE-VIVA!

Dos castos, puros amores
O emblema virás a ser,
Dizendo aos que em ti pegarem :
—*Hei de amar-te até morrer !*—

IXX.

Lembrança.

Agrados de nhá-Chiquinha.

Hade haver grande parada
Com toda tropa de linha,
Sómente p'ra todos verem
Agrados de nhá-Chiquinha

Tem mais valor, são mais doces
Que a mais doce bolachinha,
São feitos de arroz de leite
Agrados de nhá-Chiquinha.

Valem mais que um bom presunto,
Mais do que um queijo de pinha;
São bons pasteis, são de nata,
Agrados de nhá-Chiquinha.

Servem elles muitas vezes
De tempero na cozinha;
Bebidos. tambem refrescam
Agrados de nhá-Chiquinha.

Cruel fado enganador
Poz-me no peito uma espinha,
Fazendo que eu não desfrute
Agrados de nhá-Chiquinha.

'Stou pateta, estou perdido:
Vou chorar na camarinha;
No peito me fazem cócegas
Agrados de nhá-Chiquinha.

Não quero saber de primas,
Nem de outra camaradinha;
Quero gozar tão sómente
Agrados de nhá-Chiquinha.

XX.

O Doutor.

(TRADUCÇÃO)

E' um anjo tutelar
Um *doutor* alegre e esperto,
Cujo tino salutar
De saude é signal certo:
A's moças sabe agradar,
Que, por accorde louvor,
Todas querem o *doutor!*

Por ellas habil, contente,
N'um dia vê-se, e com arte,
O *doutor* já aqui presente,
O *doutor* já n'outra parte.
D'uma cura impertinente,
Para evitar damno e dôr,
E' só bastante o *doutor*

Se não tem grande sciencia
O *doutor*, na patria affeito,
Tem ao menos a exp'riencia
De ser mestre em seu *direito*.

Sem ser por maledicencia,
Direi que ha damas de honor
Que gostam bem do *doutor*.

O *doutor* louva a brandura
Dos homens, por *profissão*;
E governa com ternura
Das moças o coração.

De Venus nasce a ventura
N'um peito cheio de ardor
Apenas chega o *doutor*.

Sendo amado de uma bella,
Logo um *doutor* pôde tudo;
Serve assás, e á vista della
Nunca está triste, nem mudo .

A mais sonsa ou tagarella
Mostra logo um bello humor
Mal apparece o *doutor*.

Homens, se amante ternura
Das mulheres pretendéis,
Não o suspiro, a brandura
N'ellas convem que empregueis.

Guia-se a alma mais dura
Por um meio vencedor:
A presença do *doutor*.

Velhas, moças, feias, bellas,
Ao *doutor* mostram affeiro:
Serão fieis todas ellas?..
Todas?.. não, que fôra um erro...

Diz-se que algumas donzellas
Ha que, sem prazer ou dôr,
Querem p'ra tudo o *doutor*.

Não ha, não, quem se descarte
De um sêr preciso e querido:
E' por tudo e em toda parte
O *doutor* introduzido.

Elle as engana com arte,
E as convence com ardor...
Todas cedem ao *doutor*.

Sexo feito para amar,
A quem meus versos off'reço,
Se o louvor vos agradar
Muito favor vos mereço;

Paga não quero esperar;
Só desejo o vosso amor,
Não sendo de algum *doutor*.

XXI.

A Discrição.

(TRADUCÇÃO)

Diz certo adagio, que eu gósto,
Que o fallar muito aborrece;
Foge do brilho o homem sabio,
E com o estrondo estremece:
Amigos, sejamos cautos;
Folguemos, porém mansinhos;
Gozemos o que pudermos
Com gosto, mas caladinhos.

E' regra christã fazer-se
O bem, que mais se deseja
Co'a mão direita, de modo
Que a mão esquerda não veja.
Os bens feitos sem mysterio
São beneficios mesquinhos:
Façamos nossos favores
Com gosto, mas caladinhos.

Marcia em mim teve vontade
De seu amor empregar,
Dizendo que neste mundo
Ninguem vive sem amar.
Achei que não me custava
Dar lhe em troca os meus carinhos:
Agora já nos amamos
Com gosto, mas caladinhos.

XXII.

O Entrudo.

Atire, menina,
Em mim seu limão :
Apague as quenturas
Do meu coração !

Em troca receba
No peito amoroso
Da mão de quem ama
Um choque gostoso.

Bateu-lhe nos seios ?
Não mata essa dôr !...
Que offende uma setta
Por dedos de amor ? !...

O frio gelou-lhe ?
Possivel não é :
Só gelam os peitos
Em que ha pouca fé.

Tão viva, tão bella,
De encantos tão cheia,
Quem brinca contigo,
Meu bem, que receia ?

Não penses que o entrudo
Se vai acabar :
¿ Um povo tão manso
Não póde brincar ?

Antigas nações,
Que as leis nos traçaram,
Do povo os costumes
Assás respeitaram.

O jogo do entrudo,
Tão bom como agora,
Té brinca a mais séria,
Mais grave senhora !

Quebrar um limão
N'um collo de neve,
Sem ser conhecido,
Meu Deus ! quem se atreve ?

Pois acham melhor,
A gente, em tumulto,
Tornar-se, com mascara,
Figura de vulto ?

Aonde até póde
O escravo insolente
Propôr á senhora
Questão indecente ?

Aonde o peralta,
Que vê moça bella,
Tem livre o direito
De andar a par della ?

Pois isto é melhor
Que o bello limão
Jogar nas meninas
Faceiras ?... pois não !...

Quem é que não gosta
Do entrudo innocente,
Que o corpo refresca
E o peito da gente !

E sendo a lavagem
Na *febre amarella*
Tão boa , o entrudo
Remedio é p'ra ella.

Portanto, a policia
Não deve impedir
Que o povo se cure
Em se divertir.

A Municipal
Nos disse daria,
Em troca do entrudo
Prazer e folia ;

Porém até hoje
Deixou-nos a olhar !...
E quer-se do entrudo
O jogo acabar ?

Ha nada melhor
Que a gente lavada
Em agua de cheiro,
A troco de nada ?

Qual é a menina
Que póde jurar,
Que nem um limão
Deseja atirar ?

Não digo em quem passa ;
Nem feito isso atôa ;
Mas lá n'um lugar...
Em certa pessoa...

Atire, menina,
Seu bello limão,
Refresque as quenturas
Do seu coração !

Eu, como sou franco,
Sempre hei de dizer
Que sou pelo entrudo
Capaz de morrer.

Se a moça a quem amo
Me joga um limão,
Eu lambo-me todo,
Me torno um babão...

E fico de gosto
Tão cheio e contente,
Que até nem sentira
Morrer de repente !
E viva a folia
Do bom carnaval,
Que faz as delicias
Do povo em geral.

Meninas amantes
Tecei-me louvores,
E sobre a *Marmota* (1)
Lançai hoje flôres !
Se nisto me opponho
A's leis do paiz,
Quem faz o que eu faço
E' que hoje é feliz !...

(1) Periodico publicado por Paula Brito durante mais de 10 annos.

No bello do entrudo
O amante caixeiro
Lá gasta seus cobres
Em aguas de cheiro !
 E as moças patuscas,
 Sensíveis, mimosas,
 No entrudo recendem
 A essencia de rosas !

E até muita gente,
Só p'ra se lavar
Em agua cheirosa,
E' que usa brincar !
 O fresco das aguas
 Apaga o calor :
 Os cheiros não deixam
 Sentir-se fedor.

As limas do entrudo
Nos deixam dinheiro :
Os lucros dos bailes
Vão para o estrangeiro
 Só trazem namoros
 Taes divertimentos ;
 O entrudo mil vezes
 Traz seus casamentos !...

Em moça bonita
Quebrar-se um limão...
Ha cousa que cause
Maior sensação ? !...
 Da mão de uma bella,
 Que tem-nos amor,
 Que venha um limão
 E bata onde fôr !...

A gente, fingindo
Que foge da setta,
O geito procura
E n'ella se espeta!...
 Dá pulos, faz mômos...
 Mas fica sentido
 Se algum limãosinho
 No chão cahe perdido !...

As autoridades,
Não é sem pezar
Que o jogo do entrudo
Procuram vedar !...
 O nosso monarcha
 E' facto corrente,
 Que brinca no entrudo
 Feliz e contente !...

Os usos antigos
Quem quer extinguir,
Vem más consequencias
Depois a sentir !...

Não poupe, menina,
Seu tenro limão;
Refresque os ardores
Da amante paixão!

1850.

XXIII.

Oitavas.

Dia terrível para mim nascido,
O dia foi da tua despedida;
Meu coração, amante e agradecido,
Sem alentos ficou, ficou sem vida;
Hoje só ouço a dôr, ouço o gemido,
O pranto, a confusão, a magoa, a lida:
A mais dura afflicção, maior tormento
Me deixaste no triste apartamento.

Só para te gozar, eu desprezára
Honras, tit'los, mercês, graças, nobreza,
Essa grandeza vã não invejára,
Nem tão pouco os affagos da riqueza;
Tudo quanto possuo hoje trocára,
Sem que por perda tal visse a tristeza;
Trocára (se eu tivera) o Paraiso
Por uma leve graça de teu riso.

Acaso a mão do fado, ou do destino,
De pedra o coração me terá dado,
Para não supportar golpe ferino
Da mão do meu destino, ou do meu fado?
Pensativo me vejo e peregrino,
Sem que até do negocio indague o estado;
Chóro louco de amor como o mendigo,
Pois só me aliviára o estar contigo.

Se a Fortuna seus cofres me offertasse,
Me offertasse com elles seu thesouro;
Se possuir pudesse o que invejasse,
Qual Atlante esfaimado os pomos d'ouro;
Se, emfim, glorias e risos alcançasse,
E da fama o clarim, a palma, o louro,
Se tudo isto eu tivera p'ra não ver-te,
Tudo deixára para só querer-te.

Não me rouba o amor metal luzente,
Nem o brilho do rijo diamante:
De que valera tudo achar presente
Estando de meus olhos tão distante!
O amor que te consagro lisamente,
E' do que a riqueza mais prestante;
Tudo deixo, pois vivo satisfeito
Em ter meu coração dentro em teu peito.

Não nos moveu o gozo do interesse,
Nem tão pouco o rigor, nem a oppressão,
Simple estado a sorte nos off'rece,
E as virtudes de puro coração:
Se vejo tanto amor, que te engrandece,
E se diviso em ti tanta paixão,
Como posso deixar de ser amante
D'um coração tão puro e tão constante!

Vejo que com amor me tens pagado,
E com forte paixão que te devora;
Se vejo qual tem sido o teu cuidado,
Que suspiras por mim a toda hora:
Como sentir não devo neste estado,
Em que me poz a sorte enganadora,
Para não laborar na mesma chamma,
Se de amor recompensa, amor reclama?

Tem em mim a paixão poder tão forte,
Que mil vezes correr me faz o pranto;
Só justiça de Amor quer minha sorte
Na sagrada união de Hymeneo santo.
Embora da desgraça eu soffra o córte,
Do peso dos trabalhos não me espanto:
Tu me dizes (eu lí) sem que eu mereça:
Que queres padecer, quando eu padeça.

Recobra, ó meu amor, perdido alento,
Anima-te no circ'lo da esperança;
Amor nos faz soffrer duro tormento;
De fazer padecer amor não cança:
Sólta os ais, como eu sólto, ao brando vento,
Que a perfeita união requer tardança:
Não tragas por amor teu peito afflicto,
Que para te adorar só vive—Brito.

Nas fertes plagas Itaborahyenses
Suavise o teu mal algum recreio,
Que os generosos peitos Fluminenses
Não se espantam do mal medonho e feio;
Se com risos e ais ao pranto vences,
Mitiga a compaixão por esse meio:
Meu peito tem dobrada resistencia
Para sentir sómente o mal d'ausencia.

Entre amigas fieis te vês gostosa,
Que alivio podem dar á tuas magoas;
Não vivas por amor tão pesarosa,
Nem queiras te abrasar em suas fragoas;
Não deixes co'a paixão silenciosa
Verter dos olhos crystallinas agoas:
Deve o pranto da dôr correr directo,
Quando é firme o amor e falso o objecto.

Eis, formosa **Belmira**, o que te off'rece
No retiro cruel um peito amante,
Que por um só momento não se esquece
D'esse teu coração, que é tão constante.
Hoje só sinto a dôr, só me entristece
De teus olhos me ver já tão distante;
Mas ditosa esperança me encaminha:
Mui breve serei teu, — tu serás minha!

XXIV.

Exemplos de amôr.

Passo os dias entre penas,
Longe do teu lindo rosto,
Só me persegue a tristeza,
Foge de mim' todo o gosto.

A's horas que de te ver
Eu tinha contentamento,
A' essas horas começa
Meu desabrido tormento.

Emquanto a dura saudade
Não me consome o valor,
Vou mostrar-te em frouxas rimas,
Vivos exemplos de amor.

Morre Leandro afogado
E com elle a infeliz Éro;
Pyramo morre por Thisbe,
Eu por ti morrer espero.

Morre Titan por Europa
E Assis por Galatée;
Todos por amor supportam
O rigor da sorte feia.

Pela linda Callirhóe
Coreso se assassinou,
Mas depois reconhecida
Ella o suicidio pagou.◀

Morre Ignez pelo consorte
Sobre as margens do Mondego;
Pela Nympha, a quem amava,
Dáphnis, pastor, foi cégo.

Pela incauta Dejanira
Hercules morre abrasado;
Mas esta consorte amante
Fiel acaba a seu lado.

E' Deiphon por entre as chamma
Por Meganira passado;
Em vez de ser immortal,
Infeliz, morre abrasado!

De Manzolo as frias cinzas
Bebeu a amante Arthemisa,
E, neste excesso de amor,
Sua memoria eternisa!

Se tantos feitos tocantes
Resumidos vês aqui,
Com este amor que nos liga
Tambem eu morro por ti.

Por teu coração sincero
Tambem morre o peito meu;
Não foram esses amantes
Nada melhores do que eu.

Se o amor quer sacrificios
Eu a elles correrei;
Por um coração fiel
A propria vida darei.

Quando na historia contemplo
Inda mais te sei querer;
Por ti prezando a existencia,
Só por ti quero morrer.

XXV.

Amor como Deus manda.

Bebi no astro da gloria
A divinal perfeição;
Meu estro recebeu delle
O fogo da inspiração.

(ANONYMAS.)

« EU AMO ASSIM. »

Amor é doce
De *bons bacados*,
De que se nutrem
Os namorados.

N'uma balança,
Sempre fiel,
Vivem co'a bocca
Sabendo a mel.

Apaixonados
Ardentemente,
Um vive alegre,
Outro contente.

No que um pratique,
No que outro faça,
Encontram juntos
A mesma graça.

Onde o successo
faz um estar,
Procura o outro
Tambem se achar.

Se o mero acaso
faz que um se ria,
Nas faces do outro
Brilha a alegria.

Se vivem ambos
Sem liberdade,
Em tudo ha nelles
Igual vontade.

Quando elle busca
Ferir alguem,
Faz ella o mesmo,
Fere tambem.

Ambos preferem
A mesma flôr,
Nutrem-se ambos
De um só calor.

Do que elle foge,
Ou se desgosta,
Ella, imitando-o,
Tambem não gosta.

O que um deseja,
Desejam dous;
O que um é antes,
Outro é depois.

O que um pratica
Triste ou contente,
Pratica o outro
Maquinalmente.

De seus prazeres
Sempre egoistas,
A luz evitam
De alheias `vistas.

Vive o amante
Por sua bella;
Por seu amado
Vive só ella.

Até do tempo
Nas invasões
Não são diversas
As sensações.

Em toda a parte,
Em todo o ensejo,
Tem duas almas
Um só desejo.

Onde tudo isto
Assim não fôr,
Não ha verdade:
« E' falso o amor. »

Vós, que me ouvistes,
Olhai p'ra mim;
Por Deus o juro:
« *Eu amo assim.* »

XXVI.

Lundú da Marrequinha(1).

Os olhos namoradores
Da engraçada iaiásinha,
Logo me fazem lembrar
Sua bella marrequinha.

Iaiá, não teime,
Sólte a marreca,
Se não eu morro,
Leva-me a breca.

Se dansando á Brasileira
Quebra o corpo a iaiásinha,
Com ella brinca pulando
Sua bella marrequinha.

Iaiá, não teime, etc.

(1) Este lundú foi posto em musica pelo Snr. Francisco Manoel da Silva.

Quem a vê terna e mimosa,
Pequenina e redondinha,
Não diz que conserva prêsa
Sua bella marrequinha.

Iaiá, não teime, etc.

Nas margens da Caqueirada
Não ha só bagre e tainha:
Alli foi que ella creou
Sua bella marrequinha.

Iaiá, não teime, etc.

Tanto tempo sem beber...
Tão jururú... coitadinha!..
Quasi que morre de sêde
Sua bella marrequinha.

Iaiá, não teime,
Solte a marreca,
Se não eu morro,
Leva-me a breca.

XXVII.

—

Ponto Final.

LUNDU BRASILEIRO (1)

Tive por certa menina
Uma paixão sem igual,
Que escapou de dar comigo
Dos doudos no hospital;
Porém agora
Meu coração
Poz na oração.
Ponto final.

Amei com pontos e virgulas,
Divisões e reticencias...
Tiradas as consequencias
Tudo era artificial!
Porém agora
Meu coração
Poz na oração.
Ponto final.

(1) Foi posto em musica pelo Snr. J. J. Goyano.

O que ella por mim fazia,
Fazia a outros tambem:
Não ter amor a ninguem
E' seu timbre natural;

Por isso agora
Meu coração
Poz na oração
Ponto final.

—

II

POESIAS DIVERSAS

XXVIII.

Soneto

AO 23 ANNIVERSARIO DE S. M. O IMPERADOR

O SENHOR D. PEDRO II

NO DIA 2 DE DEZEMBRO DE 1850.

Minha lyra, talvez, mal preparada
Rouca desfere os hymnos d'alegria,
Pois n'um dia feliz, como este dia,
Devêra ser por anjos dedilhada.

Mas sendo a Vós, Senhor, tão dedicada,
Qual foi, qual é, qual inda ser devia,
A verdade dirá, que a desafia
A cantar mesmo assim desafinada!

Cinco lustros contaís!.. Sendo tão novo
Já sois em letras tão distincto e feito,
Quanto em governo Bemfeitor do povo!

Para homem, de mais já sois perfeito;
Reinaís, d'Inclita Prole Alto Renovô,
Digno de amor e digno de respeito!

XXIX.

Soneto

AO MESMO ASSUMPTO.

Tudo quanto de Tito diz a historia,
Monarcha proclamando-o o mais clemente,
Do povo sempre a prol, sabio e prudente,
Roma levando ao templo da memoria;

Verdade é que, apesar de tão notoria,
Prazer em repetil-a o vate sente:
E' dos céus o bom Rei um tal presente,
Que adoral-o o bom povo tem por gloria:

Mas que tem que invejar de Tito a fama,
Pelo renome que deixou no mundo,
Quem do Rei justo as qualidades ama?..

O Brasil, não (em factos eu me fundo);
Pois, mais joven que Tito, já proclama
Novo Tito o Immortal—PEDRO SEGUNDO!

XXX.

Hymno

CANTADO PELA COMPANHIA DO THEATRO LYRICO

NO DIA 2 DE DEZEMBRO DE 1854.

Cantado seja
Pedro Segundo,
No rico Imperio
Do Novo Mundo.

O sceptro empunhando,
Dos annos na flôr,
Tornou-se Monarcha
Do mundo o melhor!

Cantado seja, etc.

Protege o commercio,
As artes anima,
Cultiva as sciencias,
Que férvido estima.

Cantado seja, etc.

No sec'lo presente
Dos Reis é a flôr!
Não houve, nem ha
Monarcha melhor.

Cantado seja, etc.

Da gloria da patria
Sustenta o brasão,
E guarda é seguro
Da Constituição.

Cantado seja, etc.

A luz do progresso
Lhe serve de guia;
Com Pedro nós temos
Feliz monarchia.

Cantado seja
Pedro Segundo
No rico Imperio
Do Novo Mundo.

XXXI.

Soneto

AO DIA 2 DE DEZEMBRO DE 1855, ANNIVERSARIO NATALICIO
DE S. M. O IMPERADOR

O SENHOR D. PEDRO II.

Que mais posso dizer, Monarcha invicto
De Ti, cuja bondade é tão notoria?
Em que posso augmentar a tua gloria,
Além do que de grande se tem dito?

Chamar-Te sempre Augusto, ou sempre Tito,
Levar Teu nome ás paginas da historia;
Não vai isso eternar Tua memoria,
Que para muito mais já se acha escripto!..

Que venho, pois, fazer vindo saudar-Te,
Se igual ao que Tens d'outros aceitado
Não tenho pr'a Te dar nem posso dar-Te.

Venho, Senhor, de jubilo arroubado
Beijar-Te a augusta mão; venho entregar-Te
Um coração á patria e a Ti votado.

XXXII.

Soneto

AO MESMO ASSUMPTO.

Sete lustros, Senhor, já completastes!..
Tão Moço e já tão Velho para a historia!..
Tem mais um brilho Vossa immensa gloria,
Pois feliz de Dezembro ao dous chegastes!..

Sete lustros!.. Se muito caminhastes
De o fazer tendo assim fama notoria,
Por não ser essa fama transitoria
Tendes muito que andar, se muito andastes!

Quem é bom como Vós reina sem custo,
Attendendo do publico aos clamores,
Como Tito, Pompeo, Cezar-Augusto.

Entre os seus é que os reis acham traidores!
A coroa de um rei, que não é justo,
E' de espinhos, Senhor, e não de flôres!

XXXIII.

Soneto

AO MESMO ASSUMPTO.

Sois monarcha, Senhor, tendes um throno
Que Vos deu a nação, cujos destinos
Regeis prudente, merecendo os hymnos
Que aurea fama apregoa em Vosso abono!

De thesouro maior, porém, Sois dono,
Pelos que praticais actos divinos;
(De estado chefes do que Vós mais dinos
No seculo não ha—decimo nono)!

Sebeis qual é, Senhor!—a inteira posse
Do amor de um povo, que feliz Vos ama
(Bem, de todos os bens, o bem mais doce)!

Novo Tito, em geral se Vos acclama!.,
O rei que, como Vós, tão bom não fosse,
Não teria, Senhor, de Tito a fama!

XXXIV.

Soneto

A' 19 DE OUTUBRO, DIA DO AUGUSTO NOME DO

SENHOR D. PEDRO II.

Nasci livre, sou livre, e livre tenho
No peito um coração que por Vós bate
(Amor não é, porém, de um tal quilate,
Que um monarcha em gozal-o faça empenho);

E por isso, Senhor, quando aqui venho
O tributo pagar de humilde vate,
De gloria e de prazer sinto um combate,
Que, pr'a não exprimir-o, me contenho!

Servil adulação nunca de guia
Aos meus passos servio, com gloria o digo
Neste do Vosso Nome augusto dia!

Livre os impulsos de minh'alma sigo:
O chefe sendo vós da monarchia
¿ Quem não hade, Senhor, ser Vosso amigo?!..

XXXV.

Lyra

A SUA Magestade a Imperatriz

NO DIA 14 DE MARÇO DE 1851

FELIZ ANNIVERSARIO DO SEU GLORIOSO NATALICIO.

Exulta o Brasil
De gosto e alegria,
Quatorze de Março
Por ser hoje o dia!

Faz annos a augusta
Excelsa Thereza,
A esposa de Pedro,
A mãe da pobreza!

Seu rosto é a imagem
Do céu, por divino;
Um só de seus feitos
E' digno de um hymno!

Quem é que já vio
Semblante mais puro,
De amor e de graças
Penhor mais seguro?

Quem é que já pôde
Com ella fallar
Sem, cheio de gloria,
A mão lhe beijar?

Se falla, sorrindo,
Da boca lhe pendem
As graças, que aos subditos
Em copia se estendem.

Não ha magestade,
Que mais digna seja
Da Fama que goza,
Da Gloria que almeja!

Cantai, Brasileiros,
Com gosto e alegria,
Quatorze de março,
O esplendido dia!

Faz annos a Augusta,
A excelsa Thereza,
A esposa de Pedro,
A mãe da pobreza!

De sacros respeitos
Tão digna, e de amor,
Thereza é do empyrio
Angelica flôr!

XXXVI.

Canção.

AO MESMO ASSUMPTO.

Senhora, ao alto respeito,
Que tanto Vos é devido,
Não falto, abrindo meu peito,
Já dos meus tão conhecido,
Para saudar temerario,
Vosso augusto anniversario.

Na posição em que estais,
Tudo vos sobra, Senhora,
Tendo a PEDRO, e tendo mais
Um povo que Vos adora,
Que se contempla feliz
Vos chamando—IMPERATRIZ!

Princeza, que Vós não fosse
De gloria e brilho c'roada,
Não primára em tornar doce
A sorte amarga e pesada
Daquelle, que a Vós recorre,
E a quem vossa mão soccorrel

Vossa bondade infinita,
(Que tanto distingue os reis),
Senhora, só acredita
Quem sabe o que Vós fazeis!
Entre os mortaes heroína,
Tendes um'alma divjna!

Por um systema estudado
Mostra-se bom quem não é,
Calculando o resultado
Daquillo em que tem mais fé;
Com isso o mundo se illude
E chama o vicio virtude;

Vós, porém, nobre Thereza
De illustres antepassados,
Nascestes Alta Princeza,
Heroes no mundo apontados;
Já tinheis por vossa gloria
Toda a verdade da historia.

Quanto sois, quanto fazeis
De um anjo sempre co'a calma,
Não é por timbre de reis,
E' sim por grandeza d'alma,
Natural inclinação
Do vosso bom coração!

Quem, Senhora, venturoso
Comvosco uma vez fallou,
Quem submisso e respeitoso
A augusta mão Vos beijou;
Quem notou Vosso semblante
De virtudes radiante...

De Vossa voz tão suave
Quem os accentos ouviu;
Quem no Vosso aspecto grave
Dos céus pura imagem vio...
Esse por Vós não duvida
Expôr a fortuna e a vida!..

O mais rude brasileiro
Offender-Vos não se atreve;
Em louvar-Vos é o primeiro
(E nisso faz o que deve);
Da palavra na extensão
Será tudo—ingrato, não!

Vós sabeis, Princeza, como
Sois no Brasil adorada!
A liberdade que tomo
Em dizel-o, desculpada
Deve ser n'um dia augusto
Em que se diz o que é justo.

E' este, Senhora, o canto
Que imparcial Vos dedica
Quem quizera dar-Vos tanto,
Quanto na mente lhe fica:
P'ra o vosso grande esplendor
E' mui pequeno o louvor.

Porém é sempre a verdade
Dita com fé, com pureza,
Grata á augusta magestade,
Que de um povo os brios présa:
Quem deste povo faz parte,
Comvosco, o que tem, reparte.

Dos annos ao mez terceiro
Emquanto eu vivo chegar,
Me vereis sempre o primeiro
Vosso natal festejar:
Vivei, Senhora, que a fama
Da gloria ao templo Vos chama!

XXXVII.

Motte.

AO MESMO ASSUMPTO

*Quanto mais vezes despontas
De Março, ó dia feliz,
Mais em Thereza se exalta
A gloria do meu paiz!*

GLOSA.

Não é de balde, Princeza,
Que adoramos o teu dia,
Que se veste de alegria
N'elle toda a natureza!
E tu mesmo, ó redondeza,
Até nelle te remontas!
Dia feliz! tu apontas
Ao Brasil ditas seguras,
Pois mais são tuas venturas,
Quanto mais vezes despontas.

Por ti bondade a mais pia
Com que glorias mil gozamos!
Por Ella nós de-fructamos
Tanto bem, tanta alegria!
As venturas deste dia
São da purpura o matiz;
O povo orgulhoso diz,
Com verdade a mais notoria:
Que do Brasil és a gloria
De Março, ó dia feliz.

Se em Pedro já nós gozamos
O mais brilhante destino,
Se por este ente divino
Paz e ditas desfructamos;
Se por Elle nós voamos
Té a ventura a mais alta;
Brasileiros! que nos falta,
Se Pedro é nossa ventura?
Esta dita immensa e pura
Mais em Thereza se exalta.

Com orgulho e com amor
Encaremos nosso fado;
Louvemos, por nos ter dado
O Sempiterno Senhor

O mais grato Imperador,
A mais bella Imperatriz!
Já que o céo assim o quiz,
Agradecido e constante,
N'Elles vejo a todo o instante
A gloria do meu paiz.

XXXVIII.

Lyra

A SUA MAGESTADE A IMPERATRIZ

NO DIA DO SEU AUGUSTO NOME.

Salve de quinze de outubro
Aurora grata e gentil,
Dia do nome sagrado
Da — IMPERATRIZ DO BRASIL.

Risonha sempre amanheças
Dos montes sobre o alcantil,
Trazendo gozos infindos
A' — IMPERATRIZ DO BRASIL.

Como alegre vimos hoje
Todo o céu de puro anil,
Alegre vejamos sempre
A — IMPERATRIZ DO BRASIL.

Musa, que aspiras a gloria,
Põe de parte o que é pueril;
Na melhor phrase hoje exalta
A — IMPERATRIZ DO BRASIL.

Não em Filintico metro,
Mas em verso pastoril,
Raras virtudes proclama
Da — IMPERATRIZ DO BRASIL.

De extrema bondade cheia,
E cheia de dotes mil,
Imagem é da candura
A — IMPERATRIZ DO BRASIL.

Em sua alma não germina
Nem sequer d'odio um ceutil;
O peito todo é bondade
Da — IMPERATRIZ DO BRASIL.

Amando o augusto consorte,
De character senhoril,
E' das esposas modelo
A — IMPERATRIZ DO BRASIL.

Anjo de paz, que suffoque
Das discordias o fuzil,
Será neste ameno sollô
A — IMPERATRIZ DO BRASIL.

Que o affague, que o proteja,
Não espere ente servil:
De adulações não se nutre
A — IMPERATRIZ DO BRASIL.

Do tempo veloz no gyro
Jamais a intriga subtil
Azéde a doce existencia
Da — IMPERATRIZ DO BRASIL.

Primor dos jardins da Italia,
Candido lyrio de abril,
Nossa angelica é de outubro
A — IMPERATRIZ DO BRASIL.

Cheia de amor maternal,
De candura feminil,
Faz as delicias do povo
A — IMPERATRIZ DO BRASIL.

Grata a nação hade um dia
Ver no marmore, a buril,
Gravado o nome da excelsa
— IMPERATRIZ DO BRASIL. —

XXXIX.

Lyra

A SUA Magestade a Imperatriz

NO DIA DO SEU 34 ANNIVERSARIO NATALICIO

EM 14 DE MARÇO DE 1856.

Não deve aquelle que sagrou-Te um hymno,
Thereza amada, neste dia augusto
Mostrar-se á patria de cantar-Te indi'no,
Na voz, que opprime, se mostrando injusto.

C'os bellos annos, que ditosa contas,
De gosto exaltas brasileiros peitos;
Do tempo as iras venturosa affrontas,
Enchendo a terra de Teus largos feitos.

No vasto imperio, sobre o qual ditosa,
Tranquilla reinas, um só ente ingrato
Não ha, Senhora, que de Pedro á Esposa
Não vote o peito, por sincero e grato.

Este é, Princeza, da virtude o louro,
Que a fronte adorna da Imperante Augusta,
Que em ter despido seu real thesouro
Mostra que é nobre, liberal e justa.

Humilde canto, que a verdade escreve,
Princeza, aceita, pois que a Ti votado
Tributo paga, que pagar Te deve
Quem da virtude tem as mãos beijado.

Não são mesquinhas pretensões, Senhora,
Que assim me fazem ser de Ti captivo;
P'ra bem servir-Te, qual Te sirvo agora,
Nas Tuas graças encontrei motivo.

Princeza, vive, que eu viver desejo
P'ra sempre alegre, neste dia amado,
Cantar Teu nome, qual feliz Te vejo
Do grande Pedro venturosa ao lado.

**

A lyra do vate, se é vate influente,
As cordas tem d'ouro, e as vozes são finas;
O que ella repete é tudo eloquente,
Que as obras dos grandes são obras divinas;

Porém o alaúde de um mísero artista,
O canto pesado de um triste impressor,
Se d'altos Mecenas não brilham á vista,
Só valem aquillo, que vale o cantor.

XI.

Hymno

À NAÇÃO BRASILEIRA

POR OCCASIÃO DO ANNIVERSARIO DE SUA-FELIZ REGENERAÇÃO.

Exulta, Brasil, ditosol
Entre nós torna a nascer
O dia em que protestamos
Ter liberdade ou morrer.

Da cara patria o triumpho
Cantemos sem vil temor;
Mostremos ao mundo inteiro
Nosso heroismo e valor.

Entre as nações valerosas,
Que eterna fama hãode ter,
Nos annaes da historia excelsa
Teu nome illustre hade ser.

Da cara patria o triumpho, etc.

Nas aras da liberdade
Nosso mais firme dever
E' jurar com energia
Nossa patria defender.

Da cara patria o triumpho, etc.

A discordia no teu seio
Lançará seu pomo em vão;
Sempre á voz da liberdade
Os teus filhos se unirão

Da cara patria o triumpho, etc.

Seja a paz a salva-guarda
Da nossa constituição:
Não póde haver liberdade
Onde não reina união.

Da cara patria o triumpho, etc.

Vossa gloria, ó Brasileiros,
Não manchai com vil acção;
Sêde valentes no campo,
Generosos no perdão.

Da cara patria o triumpho, etc.

De virtude, ó Brasileiros,
Exemplos ao mundo dai;
Aos vossos ternos filhinhos
Amar á patria ensinai.

Da cara patria o triumpho, etc.

Defendei, patricios caros,
A nossa patria gentil;
Espalhai no mundo a gloria,
O renome do Brasil!

Da cara patria o triumpho, etc.

XLI.

Hymno

A' INDEPENDENCIA DO BRASIL

E A S. M. I.

O SNR. D. PEDRO II.

Independencia ou Morrer.

Foi hoje o dia primeiro,
Que o Brasil chegou a ter,
Quando gritou soberano:
Independencia ou morrer!

Não conhece o Brasileiro
No mundo nenhum poder,
Que n'alma lhe calle o grito
Independencia ou morrer.

O Americano livre
Sabe amar: sabe querer
Quem respeita esta legenda
Independencia ou morrer.

Não póde qualquer mandão,
Com seu terrível poder,
Privar-nos que não gritemos:
Independencia ou morrer.

Inda debaixo dos ferros
Calcado, sempre a gemer,
Gritar deve o Americano:
Independencia ou morrer.

A esse mesmo, que outr'ora
Chegou este imperio a erguer,
Devemos gritar-lhe ufanos:
Independencia ou morrer.

Não hão de colonos ferros
Nossos pulsos mais prender;
Porque já gritar sabemos:
Independencia ou morrer.

Quem nossas leis respeitar
Nosso amigo póde ser;
Mas hade gritar connosco
Independencia ou morrer.

Entre os laços da amizade
Podemos todos viver,
Sendo a divisa da patria
Independencia ou morrer.

Americanos patricios,
Que ao Brasil sabeis querer,
Cantai nas sonoras lyras:
Independencia ou morrer.

Educai os vossos filhos
Com brandura e com saber,
Para dizerem comvosco:
Independencia ou morrer.

Ah! cantai hoje comigo
(Ainda mesmo a gemer);
Brasileiros, igualdade:
Independencia ou morrer.

E Tu, mimoso Imperante,
Que o Brasil hasde reger,
Grita entre o sceptro e flôres:
Independencia ou morrer.

Como livre Americano
Nossos bens saibas manter;
Patrio amor te grite n'alma:
Independencia ou morrer.

Se acaso braço estrangeiro
Te quizer inda offender,
Grita, que nós repetimos:
Independencia ou morrer.

Eis, irmão, Pedro Segundo,
O que um dia hasde fazer;
Cahirás se não gritares:
Independencia ou morrer.

XLII.

Motte.

*Pelo Brasil dar a vida,
Manter a constituição,
Sustentar a Independencia,
E' a nossa obrigação!*

(D. PEDRO I.)

GLOSA.

Muito bem, povo, é dest'arte
Que um povo povo se torna,
Quando dos louros se adorna,
Que da gloria fazem parte.
Entre os seus seus bens reparte
A nação que é bem regida;
E do Brasil, que a ferida
Tem dos grilhões aviltantes,
Os filhos hão de constantes
Pelo Brasil dar a vida.

Vive por força enganado
Aquelle que ousado pensa,
Que póde impune uma offensa
Fazer aos brios do estado;
Sendo o momento chegado
As contas se ajustarão,
Que a brasileira nação
Deixará de livre ser
No dia em que não puder
Manter a constituição.

Sem lei suprema e sem rei
Eu sei que vivem nações;
Mas, nas nossas condições,
Mal de nós sem throno e leil
Brasileiros, defendei
Destes dous bens a existencia;
Contra estrangeira influencia
Quando o cidadão acode,
Ainda o mais velho póde
Sustentar a independencia.

Não diga que é povo bravo
O que de lutar tem medo;
Um povo assim, tarde ou cedo,
Se avilta e torna-se escravo.

Vingar a affronta, o agravo
E' dever de uma nação;
Se throno e constituição
Mantem nossa patria unida,
Por esses bens dar a vida
E' a nossa obrigação.

XLIII.

Hymno

OFFERECIDO A' MOCIDADE BRASILEIRA

NO DIA 23 DE MARÇO DE 1831.

Salve, dia magestoso,
De eterna recordação;
Viva, caros brasileiros,
A nossa constituição!

Festejemos, fluminenses,
Este dia tão sagrado:
Dar a vida pela patria
E' dever do filho honrado.

Santo amor á liberdade
Devemos firmes manter;
Outra vez seja a divisa
—Independencia ou morrer!

Festejemos, etc.

Embora nossos inimigos
Tramem nossa escravidão,
De suspeitas não se aterra
O liberal coração.

Festejemos, etc.

Valente, empunhando a espada,
A patria salvar devemos;
Coragem, ó Brasileiros,
Que valor nós todos temos!

Festejemos, etc.

Renasça em nós a vingança,
Triumphe o sacro heroismo:
Homens livres não se curvam
Ao tyranno despotismo.

Festejemos, etc.

Embora tramem cabalas
Esses monstros inhumanos,
Não tememos, pois que sempre
Baldados serão seus planos.

Festejemos, etc.

Brasileiro não tem vida
Para zeloso poupar;
A vida pertence á patria,
Por ella a devemos dar.

Festejemos etc.

Heroismo, patriotas!
Mostremos que somos bravos:
« Mais vale morreremos livres
« Do que vivermos escravos! »

Festejemos, etc.

Viva a nossa liberdade
E viva a constituição,
Os firmes representantes
Da brasileira nação.

Festejemos, etc.

Viva a patria, Brasileiros,
Já livre do negro abysmo;
Acabe a infame caterva
Que idolatra o despotismo.

Festejemos, etc.

XLIV.

Hymno

OFFERECIDO A'S SENHORAS BRASILEIRAS

NO DIA 25 DE MARÇO DE 1836.

Festejemos, Fluminenses,
Este dia tão sagrado;
Sustentar as leis e a patria
E' dever do filho honrado.

Salve, ó refulgente dia,
De alegre recordação,
Em que deu-se aos Brasileiros
A grande constituição!

Tu serás na rica historia
Dos successos verdadeiros,
Um dos dias mais prestantes
A' sorte dos Brasileiros.

Feliz desfructa o que vive
No gozo da liberdade
Os bens que a constituição
Lhe prescreve na igualdade.

Quem, cidadão respeitavel,
Da lei se curva aos poderes,
Hade por força applaudir-te
Sobre as azas dos prazeres.

Formosas Brazilianas,
Duplicai a oblação
Devida á patria, no dia
Da livre constituição.

Deste anno no mez terceiro,
Ao vigesimo quinto dia,
Dedicaí, mais que nos outros,
Toda a vossa sympatia;

Pois na marcha dos successos
As cousas mostrando vão,
Que o Brasil se tem salvado
Só pela constituição.

Co'as auri-verdes folhinhas
Vossas tranças enfeitai;
E cantando alegres hymnos
A voz aos céus elevai:

Os mesmos céus, que são justos,
As vossas canções ouvindo,
Farão que do Brasil todo
Os filhos se vão unindo:

Farão que elles abandonem
Planos de revolução;
Que bemdigam, que respeitem
O systema da razão.

A bem da prosperidade
Do Brasil o povo rei
Só deve querer agora
O firme imperio da lei.

Até que Pedro Segundo,
Qual manda a constituição,
Tomando as redeas do Estado
Faça feliz a nação.

XLV.

...otte

AO DIA SETE DE SETEMBRO DE 1858.

*Pelo Brasil dar a vida,
Manter a constituição,
Sustentar a independência
E' a nossa obrigação.*

(DO SNR. D. PEDRO I.)

GLOSA.

Agora que a liberdade
Da nossa terra natal
A todos chega em geral,
Mostrando em tudo igualdade;
E' uma felicidade
Ver-se a nação toda unida,
E por isso não duvida,
E nem disso indícios deu,
Quem sob este céu nasceu
Pelo Brasil dar a vida.

Pondo-se termo ao regresso,
A paz em tudo imperando,
Toda a nação se voltando
Para tudo o que é progresso;
Dos partidistas o excesso
Calmo por conciliação;
Quando o governo da acção
Do poder nos persuade,
Que Brasileiro não hade
Manter a constituição?

Do mal por nós praticado
Estamos arrependidos:
A violencia dos partidos
Traz sempre máo resultado.
Todo o progresso do estado
Quer o bem na pura essencia;
Nosso povo na influencia
Da gloria, em dias precisos,
Mostra que sabe entre risos
Sustentar a independencia.

Façamos todos por ter
A paz de que precisarmos:
Sempre que unidos marcharmos,
Teremos força e poder.

Se grandes temos de ser
Não é co'as armas na mão;
« Manter a constituição, »
Sustentar Pedro Segundo,
Não é favor, saiba o mundo:
E' a nossa obrigação.

XLVI.

Ao mesmo assumpto.

Mais alegre que outras vezes
De Setembro o dia sete
Mil venturas nos promette,
Se mostra nuncio de paz;
E paz que perpetua seja
Neste solo abençoado;
Para grandeza do Estado
Bem precisa se nos faz.

Unidos os Brasileiros
Procurem com todo o excesso
De sua patria o progresso
Cada vez tornar maior;
Sem paz e sem harmonia
Não prospera um velho povo,
E n'um Estado inda novo
Vai-se de mal a peor!

O dia da independencia
E' dia sempre sagrado,
Dia p'ra ser festejado
Pelo livre cidadão;
Deve em todos os semblantes
Reinar a alegria, o gosto;
Mostrar-se deve no rosto
O prazer do coração!

Qu'importa que não tenhamos
De tudo o que é bello a copia?
Não é talvez por inopia
Do povo o mal do paiz;
Para o que é bom se prepara
Um povo que pouco sabe:
A quem governa é que cabe
Tornar a nação feliz.

Achar recurso onde o ha
Não é cousa de espantar;
O que é grandeza é achar
No centro do mal o bem;
Isso acha sempre um governo
Patriotico e sisudo:
O patriotismo dá tudo
A' nação que nada tem.

Alegenda que nos deram
Para nossa distincção,
Da liberdade ao clarão
Constantes devemós ler;
No anno uma vez ao menos
Possam os filhos que temos
Aprender como dizemos:
— Independencia ou morrer!

Mas deste dia a grandeza
Não está no festejal-o,
Porém, sim, no respeit-al-o,
Como um dia sem igual;
Feliz a nação que a perda
De um filho lamenta e chora;
Feliz o filho que adora
A sua terra natal.

Bellas patricias, a fronte
Ornai das mais lindas flôres,
Porque vós sois dos amores
O mimo que Deus nos deu;
Não póde ser de censura
Digna aquella que se enfeita:
Triste de quem não respeita,
De quem não zela o que é seu.

Amigo dos Brasileiros
Não será quem neste dia
Vivos signaes de alegria
Com elles franco não der;
Quem sabe o que é liberdade,
Do patrio amor sente a chamma:
Livre não é quem não ama
A terra que o vio nascer.

XI.VII.

O Natal.

**Cantado MESSIAS,
Nascido em Bethlem,
Que ao mundo vieste
Trazer-nos o bem;**

**Remir-nos das culpas,
Das culpas de Adão;
Tornar-nos mais firmes
Na lei do christão:**

**Hoje é teu natal,
Teu dia, Senhor,
Em que mais te louva
Fiel peccador.**

**Os teus beneficios
Derrama, Jesus,
Nos filhos queridos
Da terra da Cruz;**

Da Patria em que livre
Ditoso a luz vi,
Que nunca, meu Deus,
Se esquece de ti.

Aparta-nos todos
Dos males crueis,
Que tanto ameaçam
De Deus aos fieis.

Não deixes que soffra
Não deixes, Jesus,
O povo bemquisto
Da terra da Cruz.

De estranhos não queiras
Que a maga influencia
Perturbe o sagrado
De nossa existencia.

Como outras nações,
Que avultam no mundo,
E ás quaes se consagra
Respeito profundo;

Convem que o Brasil
Eeliz tambem seja,
E tua bondade,
Senhor, o proteja.

Nenhum Brasileiro
Se queixe de mal;
Milhões de venturas
Só traga o — *Natal*.

XLVIII.

Prece.

Senhor Deus, vós que sois Pai
Dos pobres filhos da luz,
Que presidís os destinos
Da terra da Santa-Cruz;

Senhor! Vós que Filho sois
De Maria, Virgem bella,
Que por Vós padeceu tanto,
Que tudo fazeis por Ella...

Senhor Deus! misericordia;
Livrai o Brasileiro povo
Do mal da —cholera—morbus,
Entre nós flagello novo.

Por vós, Senhor, pelos santos
Com quem se reparte a luz
Da vossa divina graça,
Que ao céu noss'alma conduz.

Livrai-nos, Senhor, livrai-nos
Deste flagello inimigo,
Que a cada instante nos rouba
A esposa, o parente, o amigo!..

Senhor! Vós ao peccador
Perdoais de coração,
Se elle, ao morrer, Vosso Nome
Diz com a fé de christão.

Mas, Senhor, sendo violenta
A morte, como hoje está,
Sem que o christão dizer possa
—Jesus:—quem se salvará?

Perdão, perdão, Senhor Nosso;
Pelo Summo Padre Eterno,
E por Vossa Mãe, livrai-nos
Das crueis penas do inferno.

O Brasil tem sido sempre,
Desde a sua independencia,
Protegido pelo braço
Da divina Providencia.

Se a Providencia sois Vós,
Se Vós sois a natureza,
Como cremos, e se parte
De Vós tudo o que é grandeza:

Livrai, Senhor, do flagello
Os filhos da Santa Cruz,
Que por nós sereis louvado
Para sempre—Amen Jesus.

1833.

—

XLIX.

Oremos, Irmãos.

AO DIA 2 DE NOVEMBRO.

Pelos mortos oremos!.. Este dia
E' aos mortos sómente consagrado;
Choremos por aquelles que p'ra sempre
D'entre nós tem a morte arrebatado.

Nós os vimos!.. e amigos, e parentes
De quem mil vezes se apertára a mão,
Já não existem!.. seus corruptos restos
Estão revoltos nõ revoltos chão!..

Como o simples plebeu, a magestade
Tambem no fundo jaz da terra fria!..
Quem no mundo a vaidade agora ostenta
Tambem hade no pó volver-se um dia!..

E andamos uns co'os outros sempre em guerra,
E o rico traz o pobre atropelado:
E porque? por caducos bens da terra,
Dinheiro muitas vezes mal ganhado!..

E o pobre, coitadinho! curte a fome
E o frio, envolto em aspera linhagem;
E o potentado, que lhe nega o auxilio,
Se exalta em luxo, e roda em carruagem.

Mas quando chega o derradeiro instante
Em que o gelo da morte o corpo cobre,
No cumulo da grandeza acaba o rico,
Como em misero alvergue acaba o pobre!..

E Deus julga depois!.. E a eternidade,
Que é a vida do justo, só pertence
A'quelle, que do proximo lembrado,
As soberbas paixões domina e vence!

Vexar, pois, o pequeno que precisa,
Muito embora detraz já venha o exemplo,
E' maldade dos homens... Deus só préza
Quem da virtude não profana o templo.

Choremos, meus irmãos... e rôxas flôres
Sobre a campa lancemos dos finados:
Alli muitos estão, muitos!.. que devem
Ser pela gratidão sempre lembrados.

E mandemos, de amor e de saudade,
Preces de fogo á Estancia sempiterna
P'ra que dos bons as bemfazejas almas
Gozem, para descanso, a — vida eterna!

L.

Elegia

A IRREPARAVEL PERDA DO

MARQUEZ DE PARANA'

Morreul. (perda fatal .) E quem diria,
Bem que seja o morrer destino humano,
Que um homem tal tão cedo acabaria! . .

Morreul. e do que é vida o desengano
Não teve, porque longa fosse a idade,
Mas porque o Fado assim o quiz tyranno !

De vida cheio, e cheio de vontade,
Tanto como viveu viver podia
Ou, pelo menos, inda mais metade!

Agora que de vida carecia,
Que, Brasileiro ao seu paiz votado,
Mesquinhas dissensões findar queria...

Já de antigos arrojados acalmado,
Que n'elle as ambições já não cresciam;
Que tudo a patria já lhe tinha dado...

Agora que os partidos nelle viam,
Capaz de os compr'hender, o homem sisudo,
Que por bem conhecel-o o não temiam...

Homem, da liberdade forte escudo,
Capaz de extremos por manter sincero
O que fosse da patria digno em tudo...

Homem, para quem fôra sempre o—*quero*,
Qual sempre deve ser no peito forte
Submettido á razão timbre severo:

Aos golpes succumbio da injusta morte,
Que provar quiz, em tão fatal momento,
Quanto é dos Brasileiros triste a sortel..

—Quiz e pôde!—Porém baldado intento
O seu-foi, se da patria o arrebatando
Quiz entregal-o ás leis do esquecimento...

Não, que hoje mais que nunca apregoando
Seu nome estão amigos e contrarios,
(Pois que contrarios tem quem 'stá no mando).

Não mata a morte os homens temerarios;
E' com trabalhos que se alcança a gloria:
Só morrem os talentos ordinarios.

Viva ficar nas paginas da historia
Hade, enquanto o Brasil tiver um filho,
MARQUEZ DE PARANA' — tua memoria!

Não ha quem possa embacear teu brilho;
Foram teus nobres rasgos de tal porte.
Que de nelles pensar me maravilho!

Morreste, porque assim o quiz a sorte,
Não porque tinhas de te arrependeres
De idéas novas, que inspirou-te o Norte (1).

Os poderes do estado são poderes
P'ra quem sabe o que é ser homem d'estado,
Casando as defferencias co'os deveres.

Fraco genio, o espirito apoucado,
De seus proprios recursos na incerteza,
Até vive de si desconfiado.

E' valor no politico a franqueza;
Quem mais se faz valer, menos se gasta:
O saber applicar-se é que é grandeza!

(1) Modificação de seus principios politicos desde que presidio a provincia de Pernambuco.

Aquelle, que do publico se afasta,
Que procura calcar sempre os pequenos;
Tendo muito, não tem quanto lhe basta.

São falsos da politica os terrenos;
Quem não sabe os medir, nem calculal-os,
Quando julga ter mais, é que tem menos!

Os humens distinguir e comparal-os;
Tino ter para as cousas sempre agudo;
Bons modelos, achando, aproveitall-os:

E' para tanto que é preciso estudo!..
Assim foi do Brasil este estadista,
Que por si todos tinha, e tinha tudo!..

No meio dos perigos, sempre á vista
Andou de todos, e dos indecisos
Nem siquer uma vez entrou na lista.

Hoje que os dias eram tão precisos
Desse homem. que na terra um lugar deixa
Para do céu cumprir altos avisos...

Morreu'.. e triste a patria em ais se queixa;
Falta tão grande, tanto mais sentida;
Corpo, que em tumulo eterno a morte fecha!..

Precisa a tantas vidas essa vida
Tanto era, como foi!.. findou tão cedo,
Que até bem tarde tem de ser carpida!..

Dos manejos politicos no enredo,
Duvida a patria dessa perda immensa,
E até da propria duvida tem medo!..

Terrivel foi dos fados a sentença!..
Politico não ha que tanto infunda
Respeito, como a delle, outra presença!

Na via dos progressos:—Quem secunda
Esse homem arrojado?.. Inda o não vemos;
Nem de homens taes a nossa patria abunda!

Sentimos sua perda, e a sentiremos!
Por si responde na Suprema Gloria
—Quem para nosso guia já não temos!..

Nos fastos do Brasil, para memoria,
Tão negra e tão fatal calamidade
Tremendo hade escrever a mão da historia!..

E nas grandezas da futura idade,
Se o ter livres idéas não fôr crime,
Hade ao —MARQUEZ DE PARANA— sublime
Estatua levantar a liberdade!



Soneto

A' PREMATURA MORTE DO BACHAREL

JOÃO ANTONIO GONÇALVES DA SILVA

LENTE DE HISTORIA ANTIGA E MÉDIA.

Não devia morrer!.. Inda era cedo
Para que deste mundo assim partisse,
Sem que de amigos seus se despedisse,
E da mortalha não tivesse medo!

Qual no monte fortissimo penedo,
Que a geral atenção muito applaudisse,
E, rolando, nas aguas se sumisse
Ao leve impulso de invisivel dedo;

Assim na elevação em que era visto,
De extranhos e dos seus fazendo a gloria,
Viveu GONÇALVES, e morreu bemquistol..

Morreul.. mas viverá sua memoria
Emquanto no Brasil (notai bem isto!)
Houverem aulas e lições de historia!

LII.

Soneto (1).

A dôr, que tanto vos pungio, Senhora.
Sobre infaustas noticias espalhadas
Por quem anda escutando nas estradas
Da coruja o piar, quando está fóra...

Cesse, que outras noticias dão-se agora
De mais límpidas fontes emanadas;
Ellas mitiguem, da verdade ornadas,
A dôr, que tanto vos pungio, Senhora!

Se em novas tão fataes não ha segredo,
Nova vida recobra e novo alento
Quem não podia de morrer ter medo;

Porque fóra da morte louco intento
As—*Primaveras*—acabar tão cedo
De quem todo é amor, todo é talento!

(1) Uma senhora, a quem causára grande impressão a falsa noticia da morte do joven poeta Casimiro de Abreu, escreveu a Paula Brito pedindo informações sobre o facto. Paula Brito respondeu com esse soneto. Infelizmente, poucos mezes depois, falleceu o habil autor das *Primaveras*.

LIII.

Soneto

FEITO POR OCCASIÃO DA DESPEDIDA DO EXM. SNR. CONSELHEIRO

JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS.

Por sobre os mares, e apesar dos ventos,
Pela força vulcanica impellido
Vôe o teu barco n'um rodar batido,
E amigos sejam teus os elementos!

No espaço a percorrer, breves momentos
Gastes, se de assim ser fôr Deus servido;
Chega, salta, prosegue, e no sentido
Leva da razão patria os argumentos!

Vai, Paranhos!.. difficil, espinhosa
E' a tua missão! — sê Brasileiro:
Mais vale a honra, quanto mais custosa.

A causa é do porvir, do mundo inteiro (1);
Se és filho da Bahia portentosa,
Mostra que vais do Rio de Janeiro'

(1) A navegação do rio Paraguay e a questão de limites

LIV

Soneto

AO ILLM. SNR DR. FRANCISCO PINHEIRO GULMARÃES

AO VER REPRESENTADO O DRAMA—HISTORIA D'UMA MOÇA RICA.

Não penso como vós: — isso que importa,
Se o génio admiro, se me exalta a penna?
Condemno o erro que a razão condemna;
Mas préso a phrase que a razão conforta.

Quero dos vícios entravada a porta,
Do crime a audácia muito mais pequena;
« *A escola da moral está na scena:* »
Não penso como vós: — isso que importa?

Proseguí — para mais tendes talento;
As miserias mostrai da humana vida
Com mais gloria e menor desabrimento.

Calcai a sociedade corrompida,
Sem dar á mocidade o excitamento
Dos desvarios da mulher perdida.

LV.

Soneto

OFFERECIDO Á EXÍMIA ARTISTA

D. LUDOVINA SOARES DA COSTA

REPRESENTANDO A TRAGEDIA MÉROPE.

Da lúgubre Tragedia grave ornato,
Magestoso cothurno,
Que faz soberbo o scenico apparato!

CANDIDO LUSITANO.

Quando em scena, Senhora, te apresentas
No largo espaço, que teus passos medem,
Como que ao teu pisar as taboas cedem,
Porque, Rainha, tua gloria ostentas!

As paixões interpretas e aviventas
Sem que os, fixos em ti, olhos se arredem
Dos que ouvindo-te e vendo-te ao céu pedem
Do fogo a duração com que os alentas.

Ou dama de um salão, ou transvestida,
Antigos europeis trajando, embora,
Do genio ás producções sabes dar vida.

Tão bella és hoje, como foste outr'ora!..
Aceita, pois, da gloria merecida
Mais este brinde, que te faço agora.

LVI.

Soneto

AO FELIZ ANNIVERSARIO NATALICIO DO EXM. SNR.

VISCONDE DE URUGUAY

NO DIA 4 DE OUTUBRO DE 1842.

O typo és da moral se homem te sigo;
Cidadão virtuoso, aos teus encantas;
Juiz, ás sabias leis aras levantas;
Amigo, és com os mais o que és comigo!

A sublime razão, teu alto abrigo,
Por quem aos inimigos teus espantas,
Achou no peito teu virtudes santas
De homem, de cidadão, juiz e amigo!

Eis as flôres brilhantes repedentes,
Que embellezam da vida agros tormentos,
Lhe amortecendo as dôres tão vehementes!

Ah! cultiva-as, Senhor, dá-lhes augmentos,
Que outros festões não são, que ornam pendentos
Este dia, que o céo repita aos centos.

LVII.

Bando

QUE, NÃO SABEMOS, QUEM PEDIO A PAULA BRITO, NÃO SABEMOS EM QUE ANNO, PARA SER RECITADO NÃO SABEMOS EM QUE FESTA, NEM DE QUE ROÇA.

Silencio!.. eu vou fallar, e quando fallo
E' só fechando a boca que me calo!
Tudo que vou dizer inda não disse,
Inda mesmo que seja uma tolice,
Quanto mais cousas serias, de espavento,
Negocio de render—cento por cento!..
Tire a cêra dos ouvidos
Quem os não tiver limpado,
Que de ouvir-me todo o mundo
Vai ficar embasbacado!
Quem se quizer divertir,
Ria que a cousa é p'ra rir!
Basta de exordio, porque o caso é serio
E nunca visto neste vasto imperio!
Rapazes, não me deixem sem palmadas
(Porém de applausos, não de pateadas);

E' por vosso respeito que aqui venho,
E para isto foi preciso empenho.
Porque custa, no meio de uma praça,
Fallar-se ao povo (e então fallar de graça!).
Fazer-se de mil cousas um resumo,
Que esprimido afinal não deite sumo!

Vou dizer ao que venho! Eu fui chamado
Por ser já fallador muito afamado,
E capaz de dizer tantas asneiras,
Como cahem os pingos das gotteiras
(E p'ra isso é preciso ter talento,
Que tal não faz d'ahi qualquer jumento!).

Eu vim disposto a apregoar um bando,
E, apesar da attenção, que me estais dando,
Aposto que ninguem inda adivinha
Qual seja de fallar a intenção minha.
Pois escutem-me, prestem-me attenção,
Porque sem prégador não ha sermão;
Sem musica não ha tambem orchestra;
Provém dos palradores a palestra:
Só têm pintos-os ovos onde ha gallo;
O cavalleiro veio do cavallo:
E a festa, que está se preparando
O que havia de ser sem este bando?
Eis porque vou dizer que reformadas
Serão as *luminarias apagadas* (1),
Que teremos leilão do pão que Lot

(1) Algumas pessoas costumam a dizer isto, quando ha luminarias e se apagam algumas luzes.

Comia (e por signal comia só);
Que haverá roscas, doces e pombinhos;
De bellas flôres muito bons raminhos
Para darem os moços ás donzellas,
Uma vez que depois casem com ellas;
Emfim, de cousas mil porção bastante:
E para a festa então ir adiante,
Hão de sómente os padres cantar missa,
E se algum não quizer, por ter preguiça,
Vai outro em lugar d'elle para igreja,
E faz-se tudo em parte que se veja.
O prégador começa pelo thema,
E porque o succo do sermão exprema,
Gasta o tempo preciso p'ra narrar
O que tempo gastou para estudar,
Na musica hade haver pancadaria (1)
(Que é ás vezes a causa da harmonia).
Ninguem hade cantar senão de pé,
Porque a musica tem *notas de ré*;
Incensos hão de haver thuribulares,
Velas de cêra accesas nos altares;
Muito calor, porque, provavelmente,
A igreja deve estar cheia de gente;
E se ouvidos vós tendes para tanto,
« Prestai-os hoje para ouvir meu canto (2). »
Hade haver procissão, rapazeada,
Umaz vezes andando, outras parada;

(1) Diz-se pancadaria quando a musica é estrepitosa, com pratos, bumbo e atabale.

(2) Verso de Galatéa.

Com opas os irmãos e, bonitinhos,
Por elles conduzidos os anjinhos;
Hade ir atraz a guarda nacional
Em—ordinario — como é natural:
Te-Deum grande hade haver, a igreja aberta,
Nas portas, sentinellas sempre álerताल..
Hãode arder mil foguetes noite e dia,
Mais do qu' em outra vez vimos que ardia,
E o fogo de artificio hade ser bello,
Vermelho, branco, azul, verde e amarello!
Emfim, vós bem podeis, por este bando,
Desde agora ir os cobres apromptando,
Porque festa de igreja sem dinheiro,
E' como penna fóra do tinteiro.
Já me ia esquecendo dos registos,
Que hão de ser grandes para serem vistos,
Que, registos pequenos, não é moda,
Perde-se a devoção quasi que toda.
Ora, pois! tenho já fallado tanto,
Que estou quasi a metter-me n'algum canto
A ver se mólho a guella, que está sêcca.
E se eu morro, meu Deus! leva-me a breca!
Qual de vós é que paga? Vamos, vamos;
P'ra fazer bem é que no mundo estamos:
Vamos beber, e vamos d'aqui juntos
Occupar-nos depois de outros assumptos,
Porque foi sempre da electricidade
Efeito produzir de novidade.
Eu tambem, como já tenho inventado

Muita cousa, e autor me declarado
Das verdades que a esmo dito tenho,
Tambem em fallar mais não faço empenho,
Que temo que me chamem de propheta
Ao verem que o que digo não é peta.
Vamos, rapazes: viva a liberdade!
Viva o juiz e viva esta irmandade!
Viva quem dá dinheiro para a festa!
Viva o que é bom, e morra o que não presta!
Viva eu, vivei vós, rapazeada!..
Adeus, patuscós... (Irral que massada!..)

LVIII.

A Corda Sensível.

Da sorte aos acasos nada é impossível
E tudo de amor se deve esperar,
Porque das mulheres a—corda sensível
Mais tarde ou mais cedo se sente vibrar.

E' sempre a *loureira* em tudo accessível
A todos aquelles que bem podem dar;
O fraco lhe movem, a—corda sensível,
O carro, o vestido, o brinco, o colar.

A grata *burgueza* é mais susceptível,
Com certa reserva se faz respeitar;
Se dão-lhe, porém, na corda sensível
Assim como vive se deixa levar.

A nobre *fidalga* se mostra inflexível
Brazões e grandezas querendo mostrar,
Mas cede ao vibrado da —corda sensível
Se ha mão amestrada que a saibá tocar.

Sagaz *bailarina* é tal combustivel
Que o fogo de amor faz logo atear,
Mas della é o fraco, a—corda sensivel
Folia, brinquedo, passeio ou jantar.

A bella *criada*, se está disponivel,
Na casa dos amos quer brios mostrar;
Ao toque, porém, da—corda sensivel
Por dadiva simples se deixa levar.

A sonsa *beata* na igreja infallivel,
Que em Deus só parece rezando pensar,
Ao simples vibrado da — corda sensivel
Nem mais um momento se occupa em rezar.

A pura *innocencia* empreza é temivel
Fazel-a de amores nas lutas entrar,
Porque ninguem sabe da — corda sensivel
No peito innocente onde é o lugar.

Comtudo na terra nada é impossivel
E tudo de amor se deve esperar,
Porque das mulheres a—corda sensivel
Mais tarde ou mais cedo se sente a vibrar.

LIX.

Canção Popular.

O ROCEIRO NA CÔRTE OU—A MAXAMBOMBA.

I.

Chego agora da Tijuca
Aonde fui dar á bomba!
Eu e o mano Manduca
Viemos na *Maxambomba!*
Descemos aquella serra
De zig-zag infernal;
Dei vivas á minha terra
Vendo o—Hotel Universal.

As Aguas-férreas,
Que lindo hotel!
Com casas térreas,
Oh! que Babel!..

As Aguas-férreas
Com casas térreas!..

Esta é das minhas!
Que asneira eu disse!
Se o *Mal das Vinhas*
Aqui me visse

Em trocadilhos
Atrapalhado,
Dava-me um fóra
(E era bem dado)!
 As *Aguas-férreas*
 Com casas térreas!..
Por isso diz-se
Na minha terra,
Que, quem mais falla,
E' quem mais erra;
Mas se eu me atrapalho assim,
Dou muita gente por mim!

II.

Estou falto de memoria,
Perco o fio da oração;
Quero ver se conto a historia
Sem nova atrapalhação.
Oh que Tijuca tão bella!
Não ha *Maxambomba* igual!
Diz muita gente que é ella
A Cintra de Portugal!..
 A *Maxambomba*?
 Ah, ah, ah, ah!
 Esta é de arromba
 E não é má!..
 Eu na cidade
 Sou raridade!..

Oh que Tijuca!
Oh que viagem!
Eu e o Manduca
De carruagem,
Ao som da gaita,
Fuen-fuen, fuen-fuen,
Fizemos *bichas*
Como ninguem!
Eu na cidade
Sou raridade!..
Mas lá na roça,
Lá sou eu gente!..
Quem fôr chibante
Pule p'ra frente!
Na cidade, o que sou eu?
Mas na roça?—aquillo é meu!

III.

Aqui se diz que o roceiro
Acha tudo de pasmar!..
Porém nós lá no terreiro
Não vemos gallo brigar.
Todos os dias eu vejo
Nas ruas gente parada,
A ver tocar realejo
E gaita desafinada:

« Chegou o paquete! »
E' todo o dia!
« Lá vai sorvete! »
Que gritaria!..
 Ha muito ócio,
 Tudo é negocio!
Muito postigo,
Muito balão
(Sobeja nisso,
Falta no pão!..);
Muito barulho,
Ninguem se entende;
Trapos, entulho,
Tudo se vende:
 Ha muito ócio,
 Muito negocio!..
Como a cidade
Tem muito *gaz*,
Com liberdade
Tudo se faz;
Na roça tambem ha malta,
Mas o—*gaz*—é que nos falta.

IV.

Sinto, porém, não poder
Deixar da roça o meu máto,
Que eu na côrte havia ser
Talvez bem bom litterato!..

Havia muitas conquistas
Fazer nos theatros nossos;
O diabo é que os cambistas
Nos roem até os ossos!

Ha muita peta
Nesta cidade,
Muito estafeta
De novidade.

Vejo o dinheiro
Sempre vasqueiro!
E se algum *côco*
Se ganha apenas,
E' tudo *pouco*
Para as pequenas:
Casas mui caras,
Caro anda tudo;
Moças mui raras:
Por mais que estudo

Vejo o dinheiro
Sempre vasqueiro!..

Fuen-fuen—vou para a Tijuca,

Eu e o mano Manduca;

Vou pela serra

P'ra minha terra;

Vou lá ver os meus amores:

« Boa noite, meus senhores ! »

LX.

Novas Letras

PARÀ A MESMA ARIA .

Se a cidade se augmentasse,
Que bello p'ra os confeiteiros!
Se em tres dobros se alargasse
Era um mar de charuteiros!..
Hoteis e casas de jogo
Isso é um nunca acabar...
S. Christovão, Botafogo,
Em toda a parte ha bilhar!
 Até a Fama,
 Por esses ares,
 Os seus proclama
 « *Cinco bilhares!..* »
 O jogo, o jogo
 Põe tudo em fogo!
Jogar é modal..
Em cinco dias
Anda uma roda
Das loterias!

Jogam-se cartas,
Jogam-se acções;
Jogam viscondes,
Jogam barões:

O jogo, o jogo

Põe tudo em fogol

Mais de um estado,

Segundo a historia,

Mettido em jogo

Tem ido á gloria!..

Té de eleições nas cabalas

Se joga, e fica-se em talas!

Dizem que a patria em perigo

Está, por não ter dinheiro;

Porém eu isso não digo,

Porque não sou agoureiro.

Haja mais patriotismo,

Haja menos ambição,

Que não receia esse abysmo

A Brasileira Nação.

Longe esse agouro

Que nos aterra:

E' um thesouro

A minha terra.

Haja união

Que hade haver pão.

Quando a justiça

Baixar do solio

Contra a injustiça
Do monopólio;
Hade, por força,
Ser atendido
O pranto amargo
Do desvalido!
 Haja união,
 Que hade haver pão!
Ha grande falta
De tudo, enfim;
Só do que ha sobra
E' de—capim!..
Os burros têm com fartura
Nas praças muita verdura!

LXI.

Pragas

DE UM EMPREGADO DO THESOURO Á NAMORADA.

SONETO.

Deus permitta, que topes um marido,
Que durma separado antes de um mez;
Se fôres ao theatro alguma vez,
Que encontres o espectáculo transferido;

Que um ministro te diga—defferido
Hade ser o pedido que me fez:
(Pois nada influe o dito por cortez,
P'ra teu memorial ser attendido).

Que tenhas pretensões com deputados
(Os novatos á côrte nunca vindos);
Que requeiras — justiça — aos magistrados;

Que abortem teus projectos os mais lindos;
Que o thesouro devendo-te ordenados,
Cáias um dia em — *exercícios findos!*

LXI.

Voto de gratidão.

Anno de — cincoenta e dous,
Não te vais sem escutar-me;
Não me verás sem motivo,
Sem razão de ti queixar-me.

Vivo ainda... isto bastára
Para de ti não fallar;
Pelo mal que outros tiveram
Eu não te devo accusar.

Nos annos em que eu chorei,
Oh quanta gente se ria!
Tinham outros gloria aos mezes,
E eu não a tinha um só dia!

Para que eu te fosse grato
Pelos bens que me fizeste,
Bastavam-me os desenganos,
Que nos teus dias me déste!

Não correm á fio as cousas,
Por melhor que se projectem:
Se os que promettem não fazem,
Fazem os que não promettem.

O bom é quando a gente vive
De—feliz—na opinião,
E alguma cousa acha sempre
No momento em que abre a mão.

Máo é ter de afortunado
Alta fama em cada dia,
E abrindo a mão, enconral-a
A todo o instante vasia!

Feliz eu se os doze mezes
Contar pudessé outra vez,
Como estes (que hoje terminam)
No anno—cincoenta e tres!

Se ha bens e males na vida,
Como com o tempo descubro,
Ninguém se resfria em Julho
Que não se aqueça em Outubro!

Eu hei de gozar— não sabe
Tanto, como— eu já gozei:
Na vida mais vale um— *toma*
Do que um— *dous te darei.*

Julga-se a gente feliz
Sobre as azas da esperança,
Porque, mais tarde, ou mais cedo,
« Quem espera sempre alcança. »

Adeus, anno venturoso,
Anno *bissexto*, anno *par*;
Tenho motivos de sobra
Para de ti me lembrar!..

Se tu tens, depois de morto,
Em outra parte inda apreço,
Faze que eu viva entre flôres
E quanta gente eu conheço.

Da existencia que tens tido
O tempo que resta é breve:
Espiras!.. Deus te abençoe:
A terra te seja leve!..

LXIII.

O anno de 1855.

Tu nos deixas!.. vais sumir-te
Do passado na extensão...
Vai-te em paz.., não te maldigo,
Nem te rendo adoração.

Tive razão p'ra chorar,
Chorei... dei sentidos ais...
Mas tu ser-me inda podias
Mais funesto... oh! muito mais!..

Perdi sagrados objectos,
Objectos dignos de amor,
Dignos de todos, e dignos
Das benções do Creador.

Mas inda eu vivo, e cercado
Dos que eu amo inda me vejo;
Objectos, que me são caros
Inda os abraço, inda os beijo.

Não foste, pois, tão terrível
Como inda mais ser podias;
Aos meus serias funesto
Se desses fim aos meus dias;

Porém, não!.. a Providencia
E' dos bens o maior bem:
Deus é pai e sobre a terra
Não desampara ninguém.

E deste santo principio
Vivo tão compenetrado,
Que digo como um propheta:
— *Nunca hei de ser desgraçado!* —

Não; nem da louca soberba,
Nem da inveja o mal me opprime;
Os dias que pobre conto,
Conto-os illesos de crime.

Se justo não sou, não vivo
De remorsos assaltado;
Minh'alma não atropelam
Tribulações do culpado.

Deus é grande, em Deus confio,
No Monarcha tenho fé,
Bom, como sempre tem sido,
Liberal, como elle é.

Vai-te, pois—cincoenta e cinco,
Vai sumir-te eternamente,
Que para amaldiçoar-te
Tens no Brasil muita gente!

Por muitos bens que hajás dado
A' minha terra natal,
O bem se esquece... em lembrança
Quasi sempre fica o mal.

Ha homens que recebendo
Noventa e nove favores,
Por um, que não se lhes fez
Fallam de seus bemfeitores!..

Como outra vez ao Brasil
Certo não tens de voltar,
Nada tens que receber,
Nada tambem tens que dar.

Morreste... *parce sepultis*...
A sociedade respeita
O que, p'ra sempre, de terra
Nos sete palmos se deita!

Deus te lave dos peccados
Que commetteste imprudente,
Que dessa graça na esp'rança
Morre sem dôr muita gente!

Não venha o teu successor
(Quem succede sempre abusa)
Realisar o ditado
Da velha de Siracusa.

Ella dizia a um máo rei:
« *Deus vos conserve, senhor: »*
— Porquê? « *Porque vós morrendo*
Póde vir outro peior. »

Veremos se o que tu deixas
Entre nós iniciado,
Na successão dos progressos
Nos dará bom resultado.

Veremos se a peste acaba,
Se em paz progride a nação,
Se o povo goza tranquillo
Os bens da — constituição.

Veremos se ha no commercio
Maior porção de metaes;
Se levam-se á effeito muitos
Progressos materiaes.

Veremos... minhas esp'ranças
São tantas, que não receio
Que nunca realisadas
Venham a ser; não, não creio.

Creio que o homem que é justo,
Que aos semelhantes faz bem,
Se a patria é feliz, desfructa
O que de bom ella tem.

São estes a teu respeito,
Anno, que estás a expirar,
Meus sentimentos; não tens
Motivo de te queixar.

Morre, levando na idéa
Tudo o que aqui fica dito:
Vai para sempre sumir-te
Na immensidão do infinito!

LXIV.

Versos a mim mesmo.

Tenho cincoenta e dous annos
(De que bem pouco me lembro);
Felizmente completei-os
No dia — Dous de Dezembro.

O Brasileiro Monarcha,
De quem sou subdito amigo,
Quiz dar-me a subida honra
De fazer annos comigo.

O dia, pois, dos meus annos
E' dia de grande gala,
Dia em que muito se pensa,
Dia em que muito se falla!

Vejo, desde o romper d'alva,
O Castello embandeirado,
Toda a côrte em movimento,
Todo mundo esperançado.

Ha salvas, ha luminarias,
Ha cortejo, ha promoção,
Theatros, grande parada
(Não sendo mez de eleição).

Meus annos, por consequencia,
São annos imperiaes
(Talvez por isso eu pertença
A' seita dos *cardeaes*).

Mas, apezar da farfança
Da minha vida dourada,
Não tenho cousa que preste;
« Abro a mão, não acho nada! »

E' verdade que se eu fosse
Como quer ser muita gente,
Vivendo, como outros vivem,
Vivesse talvez contente...

Mas... este *mas* quer dizer:
« Cada um p'ra o que nasceu: »
Todos cumprem seu destino,
« Eu cumpro o que Deus me deu. »

III

ANONYMAS

LXV.

A Esperança.

Uma completa visão
E' do desejo a esperança,
Que, de alcançar o que aspira,
Alimenta a confiança.

A esperança é toda incerta;
A esperança vem do céu;
Com certeza ninguém pôde
Dizer—isto ha de ser meu.

Mais ou menos bem fundada
Póde a esperança existir,
Segundo a base em que ás vezes
A fazemos consistir.

Não vive sempre a esperança
Dependente do—querer:
A sua realidade
E' filha do—póde ser.

Aquillo que p'ra nós hoje
E' uma esperança vã,
E', por um lance do acaso,
Realidade amanhã.

A esperança póde estar
Mais ou menos bem fundada;
Mas seja em cousa ou pessoa,
De real nunca tem nada.

Sendo um desejo com base
Do gozo na confiança,
Mil vezes falha o proverbio:
« Quem espera sempre alcança. »

Quem tem mais força e mais vida,
Mais alma e mais coração,
De alimentar a esperança
Vive em melhor condição.

Raras vezes a esperança
Vem, se não a vão buscar:
Quem se exforça, mais certeza
Tem de, o que espera, alcançar.

Vós, para quem isto escrevo,
E cujo merecimento
Me tem obrigado a provas
De meu mesquinho talento...

Do vosso saber depende
Dizer-me com affouteza
Se de amor sendo a esperança,
« *Uma esperança é certeza.* »

—

LXVI.

Agrado e Desagrado.

Gósto de ti, porque dizes
Que tens em mim muita fé;
Mas não gósto, porque foges
De explicar-me o que isso é.

Gósto de ti, porque foste
A primeira em me querer;
Mas não gósto, porque em vespera
Estás de me aborrecer!

Gósto de ti, porque brincas
Comigo com segurança;
Mas não gósto, porque esmagas
Ainda em flôr a esperança!

Gósto de ti, porque dás
Ao meu talento louvor.
Mas não gósto, porque mostras
Que não me tens muito amor.

Gosto de ti, porque em tudo
E's um anjo de bondade;
Mas não gosto, porque temo
Caprixos da sociedade.

Gosto de ti, porque és deusa
De um espirito sublime;
Mas não gosto, porque entendes
(Creio eu) que amar é crime.

Gosto de ti, porque gosto,
Porque é meu gosto gostar;
Mas não gosto, porque gostas
De me fazer rabiar!..

LXVII.

Os meus suspiros.

Suspiros, que vos perdeis
No breve espaço em que estou,
Aqui ficareis comigo
Não ireis onde eu não vou.

Tenho razão p'ra deixar-vos
Neste lar vos consumir;
O meu penar ninguém póde,
Não vos sentindo, sentir.

Sendo de amor a expressão,
Tendes de amor a valia:
Notas de *amor* não se trocam
Por notas de *sympatia*.

Pensando na minha estrella,
Meu mal não tem linitivo;
Nascendo, trouxe comigo
A desdita com que vivo!

Não ireis, não, meus suspiros,
Contar os pezares meus:
Do coração dos mortaes
Quem lê no fundo?.. só Deus!

Porém terei eu, suspiros,
Razão de increpar a alguém?
Não sei! De ingrato ou de ingrata
A quem accusar! — a quem?

Não ha, portanto, culpada,
Culpado a quem condemnar:
« Ninguem deve plantar flôres
Onde não possa as regar! »

Morrei, suspiros, morrei
Mesmo aqui junto de mim!
Quem não tem azas não vôa:
Este mundo é mesmo assim!

Nesta vida ninguem deve
Firmar a fé na esperança:
« Quem mais faz, menos merece;
« Quem menos faz, mais alcança. »

Suspiros, que vos perdeis
No breve espaço em que estou,
Aqui ficareis comigo,
Não ireis onde eu não vou!

Da causa que vos motiva,
Toda de amor e de gloria,
Vós, em mysterio envolvidos,
Sereis prefacio da historia.

Ai de mim! (triste embaraço
Da social posição)
Que nem posso um nome, um nome
Escrever nesta canção!..

Uma muralha invencivel
Vejo ante mim levantada;
Dous corações estão postos
Entre a parede e a espada!

Suspiros, que vos perdeis
No breve espaço em que estou,
Aqui ficareis comigo,
Não ireis onde eu não vou!

Vós sabeis que eu soffro tanto,
Quanto se póde soffrer!..
Deveis, portanto, suspirós,
Onde eu vos soltar... morrer!

LXVIII.

Mote antigo.

*Tu lá onde estás te esqueces,
Eu cá onde estou te adoro;
Tu lá entre flôres brincas,
Eu cá entre penas choro.*

GLOSA.

Este amor, que promettia
Tão duradoura existencia,
Que em mutua correspondencia
Como um gigante crescia,
Mais feliz, do que vivia,
Vivera, se tu quizesse;
Apezar de que pareces
Amar-me; comtudo, assim,
Estou certo que de mim
Tu lá, onde estás, te esqueces.

Não penses que desconheço
O que por mim já tens feito;
Fôra faltar-te ao respeito
Não dar a tudo isso apreço.
Se por ti choro e padeço,
O que padeço não choro.
Se estás presente, o que imploro
Imploro se estás distante,
E nisto mostro que, amante,
Eu cá onde estou te adoro..

Senti tudo o que sentiste
No que, sobre morte e vida,
Na hora da despedida
Para me ouvir proferiste.
Do proposito desiste,
Em que por meu mal te affincas;
Que do infortunio não trincas
Amargo pão, tão é certo,
Que em sitio quasi deserto
Tu lá entres flôres brincas.

Conheço que não precisas
Que eu proclame o teu conceito,
Porque nos bens, que tens feito
Tua memoria eternisas.

Vejo que a gloria não visas
Dos hymnos com que te adoro;
Em saudades me devoro
Desde que nos despedimos:
Se alguem lá goza teus mimos
Eu cd entre penas choro.

—

LXIX.

A ausencia.

Emfim, partistel.. e o abraço
Me déste de despedida,
Sem te lembrares que nelle
Prendias a minha vida!..

Deixaste que um beijo amigo
Te dêsse nas mãos mimosas!
Que um beijo amante imprimisse
Nas tuas faces de rosas!

Obrigada, cara amiga,
Obrigada! — bem dizias
Que de amor inda os impulsos
Em teu coração sentias!

Partiste, emfim!.. e da ausencia
Soffro o tormento cruel,
Sem poder pedir-te ao menos
Que lá me sojas fiel.

Pedir-te!.. E com que direito
Isso pedir-te? Se a chamma
De amor existe em teu peito,
« E' feliz sempre quem ama. »

Nem sempre quem pede humilde
Tem a resposta que espera:
Quando quiz que me esquecesses
Já era tarde: não era?

Se de teus mimos tão doces
Desejas noticias gratas;
Os versos, que vão aspados,
São delles copias exactas.

« Tua belleza me inflamma »
(Mil vezes digo eu assim!);
« Suspiro e morro por ver-te »
(Isso não vinha p'ra mim)!

« A tua graça me encanta;
« Sem ti não tenho ventura »
(Não anda tanto a fortuna
Atraz de quem a procura)!

« Apenas te vi, te amei »
(Tenho disto a convicção,
E este é da minha vida
O mais heroico brasão).

« Quero saber se me amas »
(Para que dizer-te mais,
Se todo o ar que respiras
E' composto de meus ais?)

« Todos pasmam de te ver, »
(Assim como de te ouvir;
Mas só eu gosto dos zelos
Que por ti sinto, sentir).

Foi isto o que me enviaste,
Como lembranças de amor:
Filho da tua vontade,
Tudo o que vem—é favor.

Se meus versos dizem *muito*,
E *não pouco* esses teus mimos,
Unamos nossas vontades
A ver o que conseguimos.

Porém tudo isto o que vale,
Anjo do meu coração?
« A ausencia é morte de amor, »
Diz um antigo rifão!

Longe de mim, e tão longe
Que lá não posso chegar:
Quem sabe o que na lembrança
Trarás no teu regressar? .

**Dia e noite, a cada instante
Terás os suspiros meus!..
Sê menos cruel comigo:
Deus te guie!.. adeus! adeus!**

LXX.

Soneto.

A quanto se expõe quem ama!
(ANTIGO.)

Eu levei muitos dias todo o dia
A dar ais e suspiros por meu gosto,
Pensando nas feições de um bello rosto
Por quem meu coração se desfazia!

O peso do trabalho não sentia,
Do habito em que amor me tinha posto;
E sendo isto depois do mez de agosto,
Me dava a primavera o que eu queria!

Satisfeito co'a vida que assim tinha,
Achava no meu mal doce consolo,
Com meu bom modo a espera do que vinha.

Porém, indo co'a mão da caixa ao bolo,
A bella respondeu-me, enfadadinha:
Tire os gadanhos—não se faça tolo!..

LXXI.

Soneto.

Já me canço, Senhora, de pedir-vos
Baixa do posto em que servido tenho;
Quem pede um tal favor, com tanto empenho,
O desejo não nutre de illudir-vos.

Vós, pensando melhor, deveis remir-vos
Do que de vos lembrar eu me abstenho;
Por isso o que pedir-vos hoje venho,
Já me canço, Senhora, de pedir-vos.

Dai-me, eu insisto, a minha liberdade;
Sois tão má para mim, sendo tão bella,
Que temo não servir-vos com vontade.

« O damno se previne com a cautela: »
Prêso, por vós de amor nutro a maldade;
Sólto, fujo de vós; fugi vós della.

LXXII.

Soneto.

Quem pôde ver-te sem querer amar-te!
Quem pôde amar-te sem morrer de amores!..

(MACIEL MONTEIRO.)

Amo-te... e de te amar não me arrependo,
Bem que seja este amor, amor perdido!
Oh! se nunca te houvera conhecido,
No fogo, em que arde, não vivera ardendo!

Vejo o que fazes, e estou nisso vendo
Rasgos de amor de um coração ferido!
Tambem amei, tambem tenho soffrido,
Amo tambem, tambem estou soffrendo!..

Não me queixo de ti, não, certamente;
O teu futuro, por teu mal, te obriga
Ao penoso martyrio do presente!

Aqui tens a razão que a ti me liga:
« Se te sigo, me pedes que me ausente;
« Se me ausento, me pedes que te siga!..

LXXIII.

Soneto.

L'amour est de toutes les passions la
plus forte, parce qu'elle ataquè à la
fois la tête, le cœur et le corp.

(VOLTAIRE.)

Se eu pudesse viver sem que te visse,
Se eu pudesse te ver sem que te amasse,
Sem que por não te ver me incommodasse,
Sem que por não te amar me consumisse;

Se te vendo partir, também partisse,
Embora onde estivesses não me achasse,
Porém de ti tão proximo ficasse
Que a todo instante sem te ver te ouvisse:

Viveria sem ver-te; —mas te vendo
E, depois de te ver, tendo-te amado,
Minha gloria é por ti viver morrendo!

Tal é, Senhora, meu presente estado!
De te ver e te amar não me arrependo;
Meu tempo tenho em ti bem empregado.

LXXIV.

« Que contos poderemos ter melhores
Para passar o tempo, que os de amores?

(CAMÕES.)

Quantas cousas na vida nós fazemos
Sem termos de as fazer tenção formado?
O espelho, em que de perto nos revemos,
Deixamos, sem querer, embaciado.

A impressão do momento é que fascina
A nossa mente, quando já disposta,
Por uma causa occulta que a domina,
Susceptível, de tudo se desgosta.

E quando a mente accesa assim delira,
Já nenhuma razão a persuade:
—Por verdade ella toma o que é mentira,
—E toma por mentira o que é verdade.

Um momento depois, quando se apaga
Do peito incendiado a flamma activa,
Onde o fogo tocou, profunda chaga
Fica, por mal da causa que a motiva.

Embora dos caprichos o aparato,
Onde amor existio, de estar não cessa:
Mostrar, inda offendida, ameno trato
« Das almas grandes a nobreza é essa! »

Da paixão no delirio amor se mostra
Comtudo o que fazer póde a vontade:
Amor é mais amor se o p'riço arrostra
Do que quando se exalta em liberdade.

Nem féra ameaça, nem humilde rôgo
O amante abalam, mesmo quando em erro:
Quem tem amor, tem coração de fogo,
Porque deve a vontade ter de ferro.

¿ Quem póde agrilhoar a mente humana
Por santa inspiração divinizada?
A mulher, que de ser mulher se ufana,
Não se póde queixar de ser amada.

Ha sempre heroísmo na mulher sublime
De altas idéas e alto sentimento;
Quando ella accusa de um amor o crime,
Gosta do homem pelo atrevimento.

Maldição sobre aquelle, que de amante
Quer ter o nome e ter o beneficio,
E das paixões na luta, vacillante,
Teme o perigo e foge ao sacrificio!

Nunca fui eu assim.—~~Homem~~ na mente
O sou no coração e na vontade:
Que importa ao vate seu viver presente?
Seu mundo é outro—A POSTERIDADE.

LXXV.

A intenção.

Que importa que nos teus braços
Me apertes ao coração,
Se os teus abraços de moça
São dados—*sem intenção?*

Quizera que esses abraços
Tão sobre o teu coração,
Me fossem dados mil vezes,
Mas dados—*com intenção.*

Que importa que prozenteira
Me apertes, sorrindo, a mão,
Se esse civil cumprimento
E' feito—*sem intenção?*

Isso vale e vale muito,
Tem a devida expressão,
Quando, por justos motivos,
E' tudo—*com intenção.*

Do que vale um certo olhar
N'uma certa occasião,
Se esse movimento d'olhos
E' feito — *sem intenção*.

Eu gósto quando p'ra mim
Olhas mais que para o chão;
Mas gósto quando esses olhos
Me lanças — *com intenção*.

Que valem n'uma conversa
Phrases de amor e paixão,
Quando é isso sustentado
Sem alma — *sem intenção*.

Phrases de amor valem tudo,
Quando proferidas são
Por quem as diz, e as entende
Com alma — *com intenção*.

Que faz que um beijo... Que dizes,
Fallo em beijo? em beijo, não:
Tu pensas que póde um beijo
Ser dado — *sem intenção?*

Não sendo de pais a filhos,
E' de minha opinião
Que um beijo, em sexo diverso,
E' sempre — *com intenção*.

Sem pensar, sem saber como,
Escrevi esta canção,
E de que agrade aos leitores
Eu a fiz — *sem intenção*.

Comtudo, talvez que alguém,
Que as vezes applicação
Das cousas faz ás pessoas,
A leia — *com intenção*.

LXXXVI.

Soneto

O AMOR PLATÓNICO.

L'amour platonique n'est que le commencement, que l'exorde de l'amour. Le platonisme se compose de la peur et du respect qu'inspire d'abord l'objet aimé.

(R. J. STAHL.)

Em platónico amor não acredito,
Erro talvez do meu entendimento,
Por ser amor em si um sentimento,
Um desejo, que o *gozo* tem por fito.

Em dous sexos, pois, eu não permitto
De amor o natural exaltamento,
Senão quando do *gozo* ao tórpe intento
Tem os costumes suas leis prescripto.

Desejo sendo o amor, caso é julgado
Que existindo elle em dous, ha dous desejos
« (Excita o appetite o pão vedado). »

E' pois, a conclusão que, havendo ensejos,
Do platónico amor os conjurados
Quando são castos, é que só dão beijos!

LXXVII.

Soneto.

OS SENTIDOS CORPORAES.

Quiz Deus, para que o mundo eu bem gozasse,
Que de—cinco sentidos—me servisse:
Deu-me OLHOS para *ver* o que existisse,
OUVIDOS para *ouvir* o que escutasse;

NARIZ para *cheirar* o que cheirasse,
Embora cheiro bom ou máo sentisse;
BOCA para *gostar*, se ao gosto a abrisse,
E MÃOS para *apalpar* no que tocasse.

Desta sorte formado—*vendo* e *ouvindo*,
Apalpando e *cheirando*, o mundo arrostado,
Gostando de o gozar, e assim vou indo.

Que a vida não é má!.. isso eu aposto!
Pois dos —cinco sentidos—me servindo,
Eu—*ouço*, *vejo*, *cheiro*, *apalpo* e *gosto*.

LXXVIII.

Soneto

NO GOSTO DO—LENÇO DE LUIZ XIV.

Sou a ingenua expressão do pleonasmio
Por palavras synthéticas exposto,
Baseado n'um firme presupposto,
Em progressivo insólito marasmio.

Aos principios fiel do bronco Erasmo,
Reprovo o—31—de Julho e Agosto,
E concordo em que a aurora do sol posto
Produce na lua as combustões do asmio.

Os effluvios de amor em Cytheréa
Tem causado em graníticos humanos
O esplénico mal da panacéa.

Do conjuncto de Gregos e Troyanos
Proveio o uso da raiz d'althéa,
Que faz a gloria dos Americanos.

LXXIX.

Soneto.

O que viste, poeta?—O que não viste.
Ganhas ou perdes?—Perco a liberdade.
Que viste, pois?—Vi uma divindade.
Que ao teu amor resiste?—Não resiste.

Em amar-te persiste?—Não persiste.
A verdade não fallas?—A verdade!
Que almejas em querel-a?—A f'licidade.
Pois ha isso em amor?—Só nelle existe.

Cede, poeta, de lutar!—Não cedo.
Tens lições para amores?—As da historia.
Deves temer!—De nada tenho medo.

E' notoria a paixão?—Não é notoria.
Se tu perderes?—Fico mudo e quêdo.
E se ganhares?—*Levo a banca á gloria!*

LXXX.

Soneto.

L'amour, qui naît subitement, est
le plus long à guérir.

(LA BRUYÈRE.)

Vi-a, meu Deus! e como estava bella
Na doce hesitação de—amor e medo,
Procurando occultar d'alma o segredo,
Que amor nas faces sem querer revela!

Senti na minha mão leve a mão della,
Como se apenas me tocasse um dedo!
Vêl-a não esperando assim tão cedo,
Vi-a, meu Deus! e como estava bella!..

« Fallou, fallámos, » e no breve instante
De uma ventura, que gozei sonhada,
Para quem a entendeu disse bastantel

Eis a sentença que me foi ditada:
Feliz daquella que vivendo amante
Tem a ventura de morrer amada!

LXXXI.

Soneto.

Quem não hade pensar que eu sou ditoso
Na luta deste amor apaixonado!..
E ninguem ha do que eu mais desgraçado,
Mais amante, nem menos venturoso!..

De gloria e de ventura cobiçoso,
Se o tempo aproveitar quero animado,
Contra mim vejo o tempo conspirado,
E de nuvens toldar-se um céu formoso!..

Que mais queres que eu faça?— se é teu gosto
Que eu soffra todo o mal, de que és motivo,
Soffrerei, porque a tudo estou disposto.

De servir-te, Senhora, não me esquivo;
Mas sem te ouvir fallar, sem ver-te o rosto,
Escusado é viver, porque eu não vivo.

LXXXII.

Quero fallar e escrever
Para dizer o que sinto:
Eu escrevendo ou fallando
Gracejo, porém não minto.

Não é de amor que me queixo;
Sobra de amor tenho eu!
Uma das felicidades
Das poucas que Deus me deu!

Se o ser amado bastasse
A' fragil humanidade,
Quem fosse amado, de amar
Não sentiria vontade.

Com o amor que se nos mostra
Jamais nos satisfazemos;
Nós só gostamos de amar
Aquelles por quem morremos.

Assim, por mais que alguém fosse
Amado por muita gente,
Não tendo o bem que almejasse,
Nunca vivera contente.

Quando se ama e não se encontra
De amor a compensação,
O que alimenta esse amor
E' da esperança o clarão.

Se o homem busca á quem ama
De amor dar provas subidas,
E' que esse amor o consola
Por ter-lhe enchido ás medidas!

O coração só se abranda
Gozando a dita que quer;
Para o amante que é firme
Sómente a amada é mulher.

A ventura de quem ama
E' ser amado tambem;
Mas essa gloria de amor
E' gloria que poucos têm!

Meu coração sem o gozo
Do bem, que por gosto quiz,
Nutre feliz esperança;
Porém não vive feliz.

LXXXIII.

Soneto.

Quando a meu canto presidis, Senhora,
Minha musa de ver-vos se enamora!

Seis dias sem a ver, sem saber della,
Já me custa a passar tranquillamente!..
Enfadada talvez, talvez doente
Tão nobre Dama, tão gentil, tão bella!

O seu rosto magnífico revela
Seu coração apaixonado e ardente;
Porém meus males por meu mal não sente
Tão nobre Dama, tão gentil, tão bella!

Que eu viva a padecer, pouco lhe importa;
Do código de Amor, porque me guio,
A letra, para ella, é letra-morta!

Sei que nas Damas é virtude o brio;
Mas não é liberal a mão que corta
Da existencia de amor delgado fio!

LXXXIV.

Soneto.

L'excès de l'amour peut seul en faire
excuser les faiblesses.

(Mlle. de SOMMERY.)

Antes quero não ver-vos, do que ver-vos
Só tendo a dita de poder fallar-vos.
E da candida mão louco apertar-vos,
O que sente a minh'alma sem dizer-vos!

Antes quero não ver-vos, do que ver-vos
Sem que tenha a ventura de abraçar-vos,
As faces purpurinas sem beijar-vos,
Pelo extremo receio de offender-vos.

Da vossa posição tão respeitavel
Não abuso; porém não é possível
Deste modo um viver tão lamentavel!..

Quando fujo de vós, grata e sensível,
Vós me buscaes, e como sempre amavel,
Fazeis de mim o que parece incrível!..

LXXXV.

Soneto.

Morrendo, morro com a immensa gloria
De que por vós talvez meu nome um dia
Lembrado seja na Brasilia historia!

(DO AUTOR.)

Senhora, estais servida; e não devia
Quem dispõe do meu voto a seu talante
Nem de leve suppor que eu vacillante
Sobre um pedido em ordem ficaria.

Uma censura apenas vos faria
(Se eu pensasse em fazel-a um só instante) :
A de tornardes menos importante
A acção benigna, que de vós partia.

Não, Senhora; grandiloquos louvores,
A quem de os receber é digno objecto,
Fazem-se a quem não faz meios-favores.

Apezar de eu não ser vosso dilecto,
Saiba quem de voss'alma colhe as flôres,
Que o bem, que lhe fazeis, é bem completo.

LXXXVI.

Soneto.

Si les amants osent peu, ils aiment
peu.

(MME. DE SARTORY.)

Bastal tenho de mais sido imprudente
De amor cedendo ao natural desejo:
Tudo quanto não via, agora vejo;
Dos mysterios o véo está patentê!

O futuro se mostra no presente
Dos caprichos do mundo no cortejo:
Do desengano no fatal ensejo,
Serei á indiferença indifferente.

Amei, e o verbo—amar—mal declinado
Tem sido; e vem o ser tão mal regido
Do tempo que o formou—*tempo passado*.

O futuro, é futuro definido,
Porque vejo o presente conjugado
Em máo tempo de amor—*tempo perdido*.

LXXXVII.

Soneto.

Ultimo arranco de um amor que expira!
(Do Autor.)

Cançaste, ó vate?! — Não cancei; fiz ponto.
Porém ponto final? — Quem sabe disso!
Remisso foi-te amor? — Não foi remisso.
Contas com elle?.. — Nem comigo conto!

Affrontas então, pois? — Eu não affronto.
Intercedes, talvez... — Meio sedição!
— Mas se amor te chamar a seu serviço?
— Serei sempre de amor soldado prompto.

Tua crença, porém?.. — Era illusoria!
Succumbes — Não, que os genios sup'riores
Morrem p'ra o mundo e vivem para a historia:

Para quem sabe amar — ha sempre amores;
Para as flôres da lyra — ha sempre gloria;
Para a gloria da lyra — ha sempre flôres!

LXXXVIII.

Soneto.

SETE DE SETEMBRO DE 1860.

« On gagne les cœurs; mais on ne
peut les retenir quand ils se échap-
pent.

(MME. DE PUISIEUX.)

Faz hoje um anno!.. e nos doze mezes
Em que rapido o tempo tem voado,
Que de cousas, meu Deus, se tem passado!
Que lances da fortuna e que revezes!..

Faz hoje um anno!.. e nos doze mezes,
Que de mãis e de irmãs tem inculpado
A sorte!.. e que de amigas tem chorado
E depois se tem rido immensas vezes!..

O mundo é todo assim!.. Entre temores,
Entre desgostos, n'uma feliz hora
Brilha a esperança n'um pendão de flôres!

Mas sempre bella não desponta a auróra!..
Quem veio ao mundo para curtir dôres,
Não tem venturas—toda a vida chora!

LXXXIX.

Na vida de um triste amor,
Quando se quer dar um corte,
Em duas linhas se escreve
Uma sentença de morte!

Quando dispersos ficarem
Estes meus versos sem dono,
Por eu dormir socegado
Da morte o perpetuo somno;

Se, mais do que neste tempo,
O mundo lhes der valor,
Por ser quasi sempre a obra
Mais feliz do que o autor;

Se ajuntal-os mão amiga,
Se houver quem goste de os ler,
Ninguem indague o motivo
Que tive para os fazer!

Amei do astro da gloria
A divinal perfeição;
Meu estro recebeu d'elle
O fogo da inspiração!

Mas dessa chamma divina
Extinguindo-se o lampejo,
Na escuridão da incerteza
Vaga errante o meu desejo.

Se as—ANONYMAS—tiverem
Subido apreço e louvor,
Será da ANONYMA a gloria
Uma gloria para amor!

São ellas a breve historia
Do que póde uma paixão,
Não tendo mais que o valor
Que as almas ternas lhes dão.

De alegria, ou de tristeza,
Cada verso exprime um ail..
Confesso que são meus filhos;
Mas filhos que só têm pai..

XC.

Soneto.

L'excès de l'amour peut seul faire
excuser les faiblesses.

(MME. DE SOMERY.)

AOS LEITORES.

Vós, que dos versos meus fostes leitores,
Dando-lhes sempre lisongeiro apreço,
Tão subido favor vos agradeço;
Bem que não me pertençam taes louvores.

Se das tristes—ANONYMAS— as flôres
Valor tiveram, o que assaz conheço,
De quem as inspirava vinha o preço:
Ajuda o bom terreno aos máos cultores.

Deve a verdade como tal ser dita;
Faz quem ama de amor bellas pinturas,
Se a seus desejos a esperança grita.

Da honra e do dever as leis são duras!..
Apagado o pharol, que a mente excita,
Pinta mal, quem amor pinta ás escuras.

INDICE

Prefacio	PAG. VI
Biographia	VII

I

O LIVRINHO DAS MOÇAS

Soneto.....	1
Soneto	2
E' tarde.....	3
Soneto	5
Soneto.....	6
Soneto.....	7
A lyra de amor.....	8
A illusão.....	10
Ecloga	12
Soneto	17
Melancolia.....	18
Desejo	20
Não te digo.....	23
Epigrammas.....	25
O meu Nume.....	26
Passatempo.....	29
Petição	28

II

A Sempre-Viva.....	34
Lembrança.....	39
O Doutor.....	41
A descripção.....	45
O entrudo.....	47
Oitavas.....	55
Exemplos de amor.....	60
Amor como Deus manda.....	63
Lundú da marrequinha.....	67
Ponto final.....	69

II

POESIAS DIVERSAS

Soneto ao anniversario natalicio de S. M. I.....	73
Soneto ao mesmo assumpto.....	74
Hymno.....	75
Soneto ao dia 2 de Dezembro.....	77
Soneto ao mesmo assumpto.....	78
Soneto ao mesmo assumpto.....	79
Soneto ao dia do augusto nome do Imperador.....	80
Lyra a S. M. a Imperatriz.....	81
Canção á mesma augusta Senhora.....	84
Glosa ao dia 14 de Março.....	88
Lyra a S. M. a Imperatriz.....	91
Lyra á mesma augusta Senhora.....	94
Hymno á nação brasileira.....	96
Hymno á independencia do Brasil.....	99
Mote <i>Pelo Brasil dar a vida</i>	103
Hymno á mocidade brasileira.....	106
Hymno ás senhoras brasileiras.....	109
Ao dia 7 de Setembro de 1858.....	112
Ao mesmo assumpto.....	115
O Natal.....	119

III

Prece	122
Oremos, irmãos.....	125
Elegia á morte do marquez de Paraná.....	127
Soneto á morte do bacharel J. A. Gonsalves da Silva	132
Soneto	133
Soneto ao Snr. conselheiro J. M. da Silva Paranhos	134
Soneto ao Snr. Dr. Pinheiro Guimarães.....	135
Soneto a F. Ludovina Soares	136
Soneto ao Snr. visconde de Uruguay..	137
Bando	138
A corda sensível.....	143
Canção popular A <i>Maxambomba</i>	145
Novas letras para a mesma canção.....	150
Pragas de um empregado do Thesouro á nauorada..	153
Voto de gratidão	154
O anno de 1855.....	157
Versos a mim mesmo.....	162

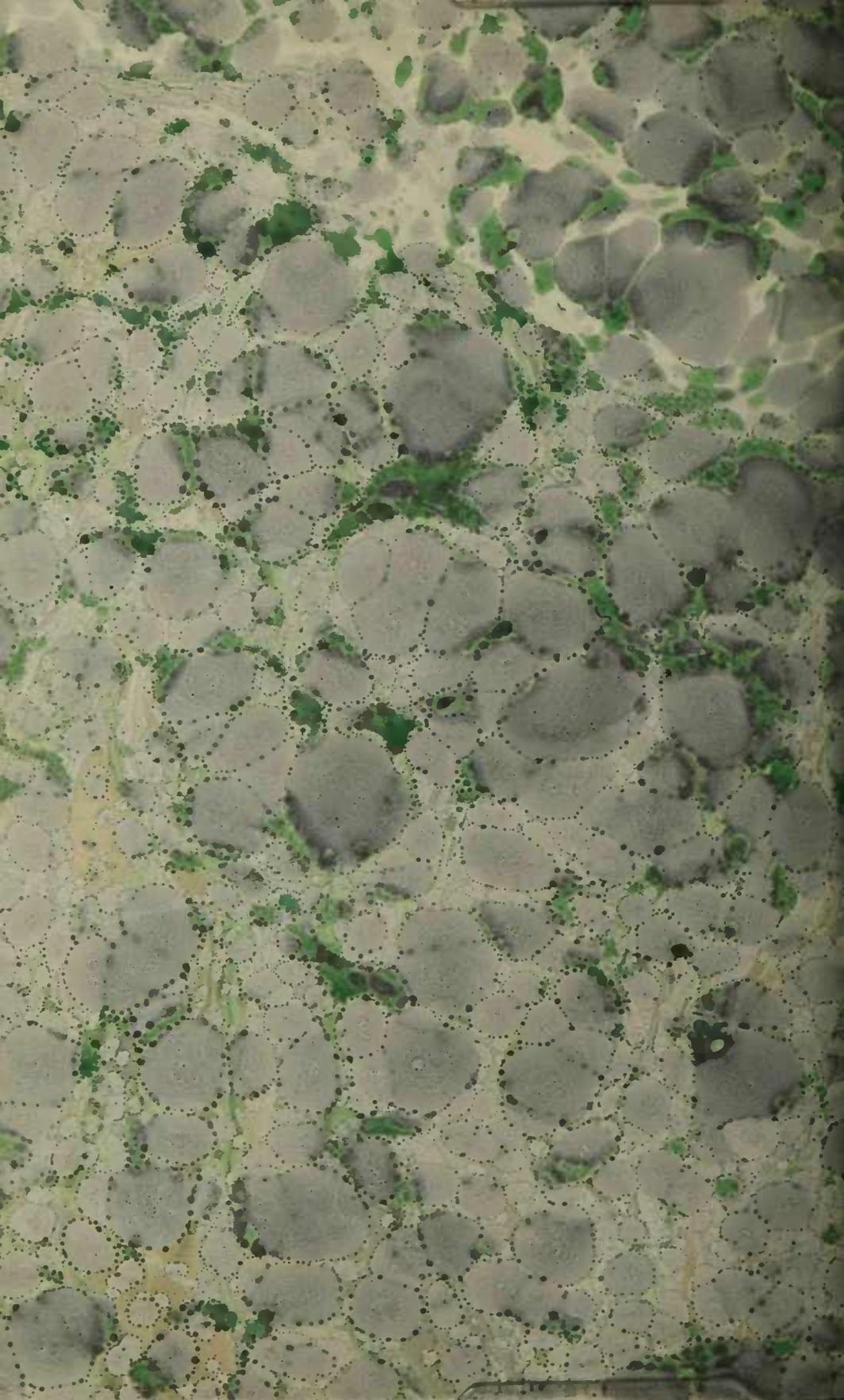
III

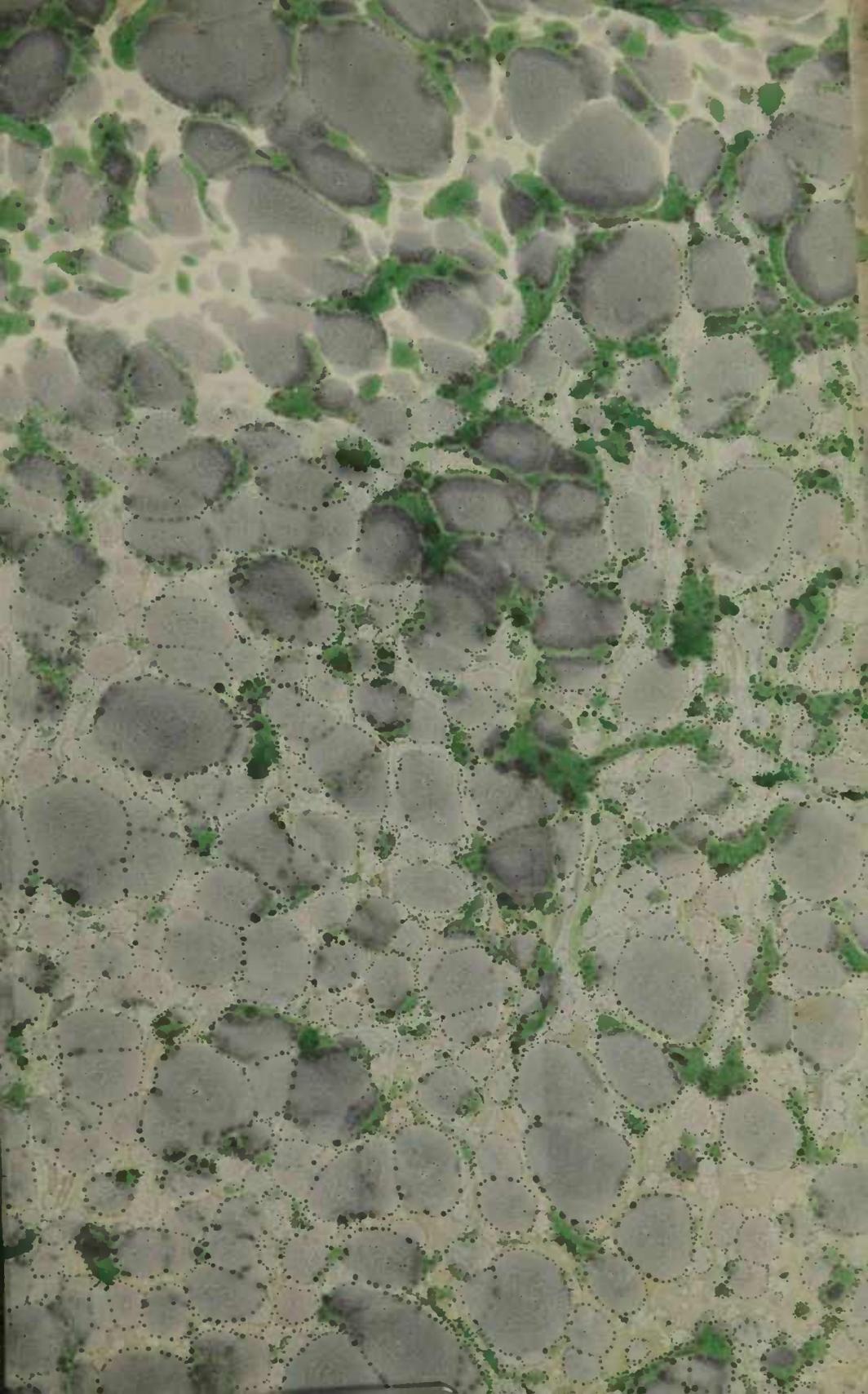
ANONYMAS

A esperança.....	167
Agrado e désagrado.....	170
Os meus suspiros.....	172
Mote antigo.....	175
A ausencia.....	178
Soneto... ..	182
Soneto.....	183
Soneto.....	184
Soneto.....	185
LXXIV.....	186
A intenção	189
Soneto—o amor platónico.....	192

IV

Soneto—os sentidos corporaes.....	193
Soneto no gosto do—Lenço de Luiz XIV... ..	194
Soneto	195
Soneto	196
Soneto.....	197
LXXXII.....	198
Soneto.....	200
Soneto.....	201
Soneto	202
Soneto	203
Soneto.....	204
Soneto.....	205
LXXXIX.....	206
Soneto aos leitores.....	208







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).